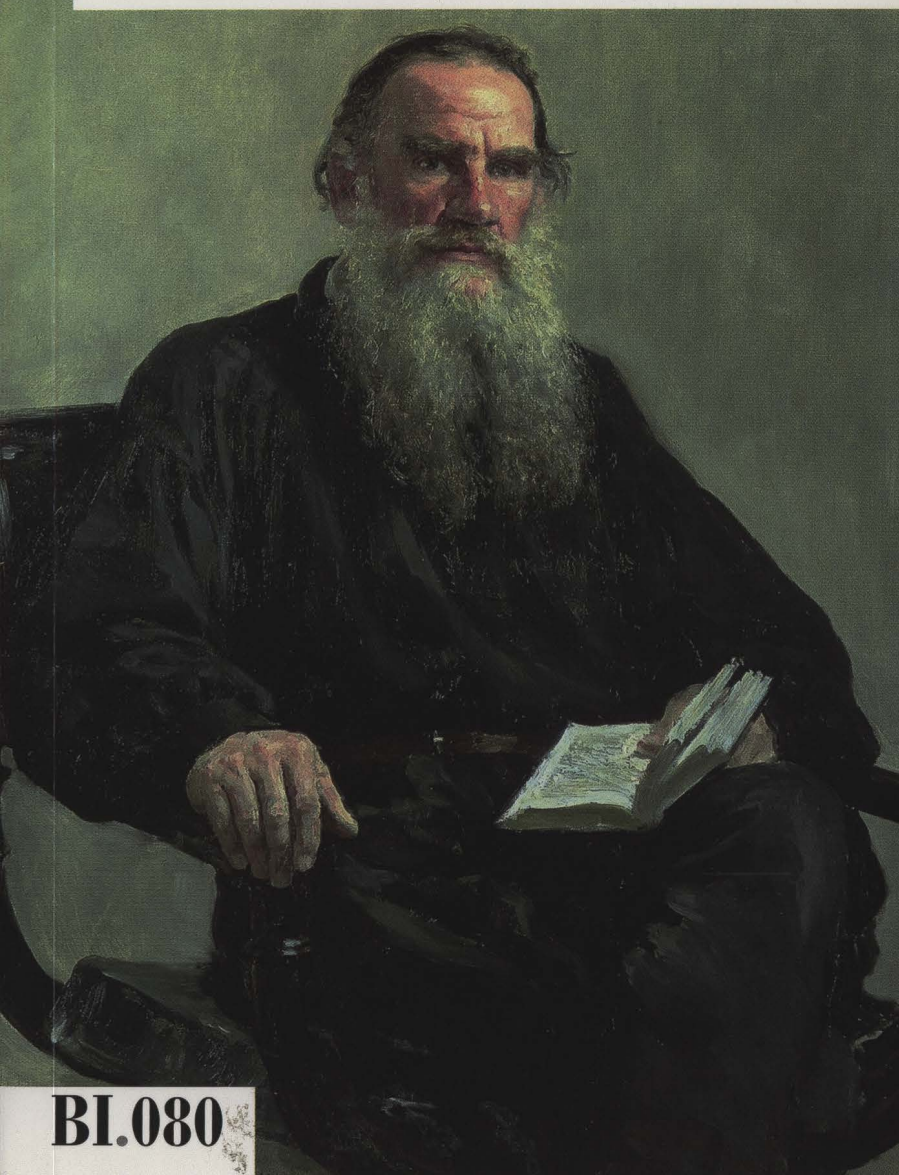
Lev Tolstói

A SONATA DE KREUTZER



BI.080

Lev Tolstói

A SONATA DE KREUTZER

tradução e notas de Nina Guerra e Filipe Guerra

«*A Sonata de Kreutzer*, escrita em 1889 é, com *A Morte de Ivan Ilitch*, uma das mais importantes novelas de Tolstói.»

Gary Saul Morson

«Misteriosa, a proximidade de Tolstói com o leitor é de todo desconcertante em *A Sonata de Kreutzer*.»

Harold Bloom

«Quando [Tolstói] voltou de novo à arte da novela, a sua imaginação tinha adquirido o obscuro fervor da sua filosofia. *A Morte de Ivan Ilitch* e *A Sonata de Kreutzer* são obras-primas, mas obras-primas de um género singular; a sua terrível intensidade não resulta da predominância da visão imaginativa, mas da sua concentração; possuem, como as figuras reduzidas das pinturas de Bosch, violentas energias comprimidas.»

George Steiner

Biblioteca
editores Independentes

9 789898 231215

A SONATA DE KREUTZER

Lev Tolstói

A SONATA DE KREUTZER

tradução e notas de
Nina Guerra e Filipe Guerra

Biblioteca
editores Independentes

© 12.19 – Sociedade Editora de Livros de Bolso, Lda.
Apartado 2487
1112-001 Lisboa Codex

Título: A Sonata de Kreutzer
Título original: *Kreutzerova sonata* (1889)
Autor: Lev Tolstói
Tradução (do russo) e notas: Nina Guerra e Filipe Guerra
Revisão de texto: Joana Soares Nogueira
Capa sobre retrato de Lev Tolstói (1887), de Ilya Efimovich Repin
Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Fonte: da edição L. M. Tolstói / Colectânea de Obras Literárias, Biblioteca Ogoniok, Editora «Pravda», 1948, Moscovo.

Junho de 2010
ISBN 978-989-8231-21-5

«Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher, para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.»

(Mateus, 5:28)

«Disseram-lhe os seus discípulos: Se assim é a condição do homem, relativamente à mulher, não convém casar.

Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido.

Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o.»

(Mateus, 19:10,11,12)

1

Aconteceu no início da Primavera. Íamos já no segundo dia de viagem. Entravam e saíam da carruagem passageiros de curta distância, mas havia três que viajavam, como eu, desde a estação de partida: uma senhora nada jovem, sem graça, fumadora, cara de cansaço, de chapéuzinho e casaco meio masculino; o acompanhante, um homem loquaz, dos seus quarenta anos, vestindo roupa nova e cuidada; e ainda um senhor de pequena estatura que se mantinha afastado, de gestos impulsivos, nada velho ainda mas com os caracóis do cabelo já grisalhos, sem dúvida prematuramente, e uns olhos muitíssimo brilhantes que corriam velozes de um objecto para outro. Vestia um sobretudo velho mas de boa confecção, com gola de pele de carneiro; na cabeça tinha um gorro alto da mesma pele. Quando desabotoava o sobretudo via-se-lhe a *poddiovka*[1] e a camisa russa bordada. Uma das peculiaridades deste senhor consistia em, de vez em quando, emitir uns sons estranhos, como se tossicasse ou reprimisse um riso que lhe queria escapar.

Durante toda a viagem, este senhor evitou cuidadosamente comunicar com alguém ou apresentar-se a outros passageiros. Quando os vizinhos tentavam meter conversa com ele, respondia breve e bruscamente, ou lia, ou fumava olhando pela janela, ou tirava provisões do saco velho e tomava chá ou merendava.

Eu tinha a impressão de que aquela solidão o afligia e, por várias vezes, tentei falar com ele mas, de cada vez que

os nossos olhares se cruzavam, o que acontecia com frequência porque estávamos sentados na diagonal em bancos frontais, ele virava a cabeça e pegava no livro ou punha-se a olhar pela janela.

Durante a paragem numa grande estação, ao fim da tarde do segundo dia, o nervoso senhor foi buscar água quente e preparou chá. Ora, o senhor vestido de novo, advogado como viria a saber depois, e a vizinha dele, a senhora fumadora de casaco meio masculino, foram tomar chá à estação.

Enquanto os dois últimos estavam fora, entraram na carruagem caras novas, várias, entre elas um velho alto de barba rapada e pele enrugada, pelos vistos um comerciante, envergando peliça de marta e boné de pano com uma pala enorme. O comerciante sentou-se no lugar frontal ao da senhora e do advogado, começando logo a conversar com um jovem que entrara na mesma estação e que, pelo aspecto, deveria ser encarregado de comércio.

Enquanto o comboio esteve parado e ninguém passava pelo corredor, eu pude ouvir farrapos da conversa deles. O comerciante começou por dizer que ia para a sua propriedade, já na estação seguinte; depois, como sempre, puseram-se a falar de preços, de comércio e, também como sempre, da situação actual do mercado de Moscovo e, a seguir, da feira de Níjni Nóvgorod. O encarregado contava-lhe da estúrdia armada na feira por um comerciante ricaço conhecido de ambos, mas o velho não o deixou acabar a história e pôs-se a falar das suas próprias pândegas dos velhos tempos em Kunávino. Era visível o seu orgulho por ter entrado em tais pândegas e, eufórico, contou como ele e esse comerciante, bêbados, tinham feito uma estroinice tal que só em sussurro podia ser contada; o encarregado desfez-se em gargalhadas, o velho também se riu muito, arreganhando dois dentes amarelos.

Como não esperava ouvir nada de interessante, levantei-me para passear um pouco na plataforma até à hora da partida. À saída cruzei-me com o advogado e a senhora que conversavam animadamente.

— Não vai ter tempo — disse-me o comunicativo advogado —, vão dar já o segundo sinal.

Era verdade, mal tivera tempo de chegar à última carruagem e já o sinal apitava. Quando voltei, continuava a conversa animada entre a senhora e o advogado. O velho comerciante estava calado em frente deles, de olhar severo, mexendo de vez em quando os lábios com desaprovação.

— Depois, ela declarou abertamente ao marido — dizia o advogado, com um sorriso nos lábios, no momento em que eu passava ao lado — que não podia nem queria viver com ele porque...

E continuou a explicar porquê, mas eu já não ouvi exactamente do que se tratava. A seguir a mim passaram mais alguns passageiros, passou o revisor, entrou rapidamente um capataz e, durante algum tempo, o barulho impediu-me de ouvir a conversa. Quando tudo se acalmou e eu voltei a ouvir a voz do advogado, a conversa já passara de um caso particular para considerações de carácter geral.

O advogado dizia que, actualmente, o problema do divórcio preocupava muito a opinião pública da Europa e que entre nós também surgiam casos semelhantes e cada vez mais frequentes. Ao reparar que, havia muito, apenas se ouvia a sua voz, o advogado interrompeu o discurso e virou-se para o velho.

— Antigamente isto não acontecia, não é verdade? — disse, sorrindo com afabilidade.

O velho já ia responder mas, de repente, o comboio arrancou, o que o fez tirar o boné, benzer-se e murmurar uma reza. O advogado, desviando o olhar, aguardava delicadamente. Acabada a reza e depois de três sinais da Cruz, o velho enfiou o boné na cabeça, de pala para a frente, acomodou-se melhor no assento e começou a falar.

— Antigamente também acontecia, meu senhor, mas menos — disse ele. — Ora, nos tempos que correm, seria impossível isso não acontecer. As pessoas tornaram-se cultas demais.

O comboio, ganhando cada vez mais andamento, ribombava nas junturas e era-me difícil escutar; mas como a con-

versa me interessava, sentei-me mais perto. O meu vizinho, o senhor nervoso de olhos brilhantes, também parecia interessado e escutava, sem se mexer do lugar.

— Mas que mal tem a instrução? — interveio a senhora, sorrindo quase imperceptivelmente. — Será melhor à maneira dos velhos tempos, em que os noivos nem sequer se viam antes do casamento? — continuou, sem responder ao que dissera o seu interlocutor, mas, como é hábito de muitas mulheres, ao que, na sua opinião, ele diria a seguir. — Não sabiam se se amavam, ou se podiam amar-se, casavam-se às cegas e depois sofriam toda a vida. Na sua opinião, isto é melhor? — dirigia-se muito mais a mim e ao advogado do que ao velho com quem estava a conversar.

— Tornaram-se cultos demais — repetiu o comerciante, olhando com desprezo para a senhora e deixando sem resposta a sua pergunta.

— Gostaria de saber como explica a ligação da instrução com a discórdia no matrimónio — disse o advogado com um sorriso imperceptível.

O comerciante queria dizer alguma coisa, mas a senhora interrompeu-o.

— Não, esses tempos já lá vão — disse ela. Mas o advogado deteve-a.

— Deixe-o exprimir a sua ideia.

— Por causa dessa instrução, só asneiras — disse o velho em tom resoluto.

— Casam pessoas que não se amam e depois admiram-se que não haja concórdia no casamento — apressou-se a dizer a senhora, virando-se para o advogado, para mim e até para o encarregado de comércio que, de pé e apoiado no espaldar, ouvia a conversa com um sorriso na cara. — Os animais é que se podem acasalar de acordo com a vontade do dono, só os animais, mas as pessoas têm as suas inclinações e simpatias — dizia ela, certamente para alfinetar o comerciante.

— Não tem nada que falar assim, minha senhora — disse o velho —, o animal é gado, mas ao homem foi dada a lei.

— Mas como é possível viver com uma pessoa sem amor? — continuava muito acelerada a senhora, debitando razões que, provavelmente, lhe pareciam novíssimas.

— Antigamente não se pensava nisso — disse o velho num tom sentencioso —, só agora apareceram essas modas novas. Basta uma coisinha qualquer, e logo ela: «Vou-te deixar!» A moda até já chegou aos mujiques. «Tens aqui as tuas calças e as tuas camisas — diz ela —, vou viver com o Vanka, tem mais caracóis no cabelo do que tu.» E está tudo dito. Ora a mulher, antes de mais, tem de ter medo.

O encarregado comercial olhou para o advogado e para a senhora, depois para mim, reprimindo um sorriso e pronto a zombar ou a aprovar o discurso do velho, consoante a nossa reacção a ele.

— Mas que medo? — quis saber a senhora.

— Já se sabe que medo: que tenha temor ao seu marido! É isso.

— Esses tempos já passaram, meu caro — disse a senhora com alguma raiva.

— Não senhora, esses tempos não podem passar. Eva, criada da costela do homem, ficará Eva até ao fim dos séculos — disse o velho, sacudindo a cabeça de forma tão severa e vitoriosa que o encarregado, concluindo de imediato que o comerciante levara a melhor, riu-se alto.

— Vocês, os homens, é que raciocinam assim — ripostou a senhora, não querendo dar-se por vencida e lançando-nos olhares. — Deram liberdade a vocês próprios, e a mulher que fique fechada em casa. Mas, a vocês próprios, com certeza se permitem tudo.

— Não se permite nada, o que acontece é que o homem não chega a casa pejado, ora a mulher é um vaso fraco — sentenciou o velho.

O peso das entoações do comerciante estava por certo a vencer os ouvintes, e a senhora sentia-se oprimida; mas ainda não desistira.

— Pois, mas tem de concordar que a mulher é um ser humano e tem sentimentos, tal qual o homem. O que é que ela faz quando não ama o marido?

— Não ama! — O comerciante pegou-lhe na palavra e repetiu-a em tom de ameaça, carregando o sobrolho e mexendo os lábios. — Pois amará!

Este inesperado argumento agradou muito ao encarregado que até emitiu um som de aprovação.

— Não, não amará — respondeu a senhora —, porque não se pode obrigar ninguém a amar.

— Ora bem, e se a mulher enganar o marido, como é? — disse o advogado.

— Isso não é permitido — disse o velho —, é preciso fazer com que não aconteça.

— Mas se acontecer, como é? Porque às vezes acontece.

— Talvez aconteça aos outros, a nós não — disse o velho.

Ficámos todos calados. O encarregado mexeu-se, avançou um pouco no assento e, querendo também dizer a sua palavra, começou, sorrindo:

— Pois, também aconteceu lá um escândalo com um rapaz dos nossos. Uma coisa que também é bastante difícil de ajuizar. Calhou-lhe uma mulher dessas, uma depravada. E começou o desvario. Ora, o rapaz é sério, e desenvolvido. Primeiro, ela foi com o escriturário. O marido tentou a bem. Não resultou. Ela fez porcarias umas atrás das outras. Chegou a roubar-lhe dinheiro. Depois, ele batia-lhe. Nada, era cada vez pior. Teve um caso com um não-cristão, um judeu, peço desculpa. Então, o que lhe restava fazer? Separou-se dela. Agora vive como solteiro, e ela anda com homens.

— Porque ele é parvo — disse o velho. — Se não a tivesse deixado à vontade desde o princípio, mas lhe pusesse rédea curta como deve ser, vivia agora com decência. Tem de ser desde o princípio. Cavalo no campo e mulher no lar não são de confiar.

Chegou o revisor a pedir os bilhetes até à estação seguinte. O velho entregou o seu bilhete.

— Pois, é preciso pôr a rédea a tempo à mulher, senão está tudo perdido.

— Desculpe, mas ainda há pouco o senhor estava a contar como os homens casados se divertiam em Kunávino, não é verdade? — disse eu, não podendo conter-me.

— Não tem nada a ver — disse o comerciante e mergulhou no silêncio.

Quando soou o apito, o velho levantou-se, tirou o saco de baixo do banco, fechou a peliça e, tocando no boné, saiu para o varandim.

2

Mal o velho saiu, irrompeu a conversa a várias vozes.

— O velhinho é à moda antiga — disse o encarregado.

— Um *domostrói*[2] ao vivo — disse a senhora. — Que noções bárbaras sobre a mulher e o casamento!

— É verdade, estamos longe do conceito europeu de matrimónio — disse o advogado.

— O pior é que esta gente não percebe que casamento sem amor não é casamento — disse a senhora —, que apenas o amor consagra o casamento e que um verdadeiro casamento é aquele que o amor consagrou.

O encarregado ouvia e sorria, querendo memorizar o máximo daquela conversa inteligente para mais tarde utilizar.

No meio do discurso da senhora ouviu-se atrás, nas minhas costas, um riso interrompido, ou um soluço, e, virando-nos, demos de caras com o nosso vizinho, o senhor solitário de cabelo encanecido e olhos brilhantes que, durante a conversa que pelos vistos lhe despertara interesse, se aproximara imperceptivelmente de nós. Estava parado, com as mãos apoiadas no espaldar do banco, e via-se que estava muito emocionado: a cara vermelha, um músculo da face a estremecer.

— Mas que amor... amor... amor é esse que consagra o casamento? — titubeou.

Ao ver o estado emocional do homem, a senhora teve o cuidado de responder o mais substancial e meigamente possível.

— O verdadeiro amor... Se houver este tipo de amor entre o homem e a mulher, será possível o casamento — disse ela.

— Pois, mas o que se considera o verdadeiro amor? — perguntou o senhor dos olhos brilhantes com timidez e com um sorriso desajeitado.

— Todos sabem o que é o amor — disse a senhora, desejando pelos vistos acabar a conversa com ele

— Mas eu não sei — disse o senhor. — É preciso definir o que a senhora subentende...

— Sim? É muito simples — disse a senhora, mas ficou pensativa. — O amor? O amor é a preferência exclusiva por um homem ou por uma mulher, acima de todos os outros — disse ela.

— Preferência por quanto tempo? Um mês? Dois dias? Ou meia hora? — proferiu o senhor grisalho e riu-se.

— Não, desculpe, o senhor deve estar a falar de outra coisa.

— Não, minha senhora, estou a falar disso mesmo.

— Diz a senhora — intrometeu-se o advogado apontando para ela — que o casamento tem de provir da afeição, do amor, se quiser, e que só no caso de este acontecer o casamento representará uma coisa, por assim dizer, sagrada. E ainda: qualquer casamento que não se fundamente nos afectos naturais, no amor, se quiser, não carrega em si quaisquer obrigações morais. Compreendi-a bem? — concluiu.

A senhora acenou com a cabeça, aprovando aquele esclarecimento da sua ideia.

— Além disso... — continuou o advogado a discursar, mas o senhor dos olhos brilhantes, que agora não só brilhavam mas ardiam como fogo, continha-se a custo, até que, interrompendo o advogado, disse:

— Não, falo exactamente disso, da preferência por um homem ou por uma mulher a todos os outros, e apenas pergunto: preferência por quanto tempo?

— Por quanto tempo? Por muito tempo, às vezes por toda a vida — disse a senhora, encolhendo os ombros.

— Mas tal coisa acontece apenas nos romances, e nunca na vida. Na vida, a preferência por uma pessoa única dura alguns anos, mas raramente, a maioria das vezes persiste apenas uns meses, ou semanas, ou dias, ou horas — insistia ele, sabendo certamente que estava a espantar todos os ouvintes com a sua opinião, o que lhe dava manifesta satisfação.

— Ah, tenha juízo! Não é assim. Não, desculpe... — E todos os três começámos a falar ao mesmo tempo. Até o encarregado emitiu um som de desaprovação.

— Sim, eu sei — gritava mais alto do que nós o senhor grisalho —, os senhores referem-se àquilo que é considerado existente, mas eu falo do facto. Qualquer homem, em relação a uma mulher bonita, sente aquilo a que os senhores chamam amor.

— Ah, é horrível o que está a dizer; é que há mesmo entre as pessoas um sentimento que se chama amor e que não dura apenas anos ou meses, mas toda a vida. De acordo?

— Não, isso não existe. Supondo até que um homem prefira determinada mulher para toda a vida, o mais provável é que essa mulher prefira outro homem, e sempre assim foi e continuará a ser neste mundo — disse ele. Tirou a cigarreira e acendeu um cigarro.

— Mas também é possível o amor recíproco — disse o advogado.

— Não, não é possível — retorquiu o senhor —, é impossível, da mesma forma que é impossível que, numa carroça cheia de ervilhas, duas delas, marcadas, fiquem juntas. Além do mais, o problema não é apenas o da impossibilidade, mas sim, isso de certeza, o da saciedade. Amar toda a vida uma pessoa é a mesma coisa que dizer que uma só vela arderá toda a vida — disse ele, inspirando avidamente o fumo.

— O senhor fala apenas do amor carnal. Será que não admite a existência do amor baseado em ideais comuns, numa afinidade espiritual? — perguntou a senhora.

— Afinidade espiritual! Ideais comuns! — repetiu ele ao mesmo tempo que emitia um som peculiar. — Mas nesse caso não haveria necessidade de as pessoas dormirem juntas (peço perdão pela grosseria). Pelo que a senhora diz, as

pessoas vão para a cama em consequência dos ideais comuns — disse ele e riu-se nervosamente.

— Desculpe — disse o advogado —, mas os factos desmentem o que está a dizer. O que nós vemos é que os matrimónios existem, que toda a humanidade, ou a maioria dela, pelo menos, vive em matrimónio, e que há muita gente a viver honesta e prolongadamente nesse matrimónio.

O senhor grisalho voltou a rir-se e disse:

— Afirma que o casamento se baseia no amor, mas quando eu exprimo a dúvida de que existe qualquer amor para além do sensual, o senhor tenta provar-me a existência do amor pelo facto de haver matrimónios. Mas o matrimónio, nos nossos tempos, é uma mera falsidade!

— Não, permita-me que lhe diga — retorquiu o advogado —, o que eu afirmo é a existência de matrimónios antigamente e na actualidade.

— Existem, sim. Mas por que razão existem? Existiram e existem entre os que vêem neles algo de misterioso, um sacramento que impõe obrigações perante Deus. Para esses existe, para nós não. Entre nós, as pessoas casam-se sem verem nada no matrimónio para além da cópula, e o que disso resulta é a mentira ou a violação. Quando se trata de mentira, a coisa é mais suportável. O marido e a mulher apenas enganam os outros ao fingirem que vivem exclusivamente um com o outro, quando na realidade vivem em poligamia e poliandria. É ignóbil, mas menos mau; porém, noutros casos, muito mais frequentes, o marido e a mulher assumiram a obrigação formal de viverem juntos toda a vida e, a partir do segundo mês, já se odeiam, já têm vontade de se separar; mas continuam juntos, e a consequência é o inferno medonho que leva as pessoas a alcoolizar-se, a matar-se a tiro, a assassinar, a envenenar-se e a envenenar outrem... — Assim falava o homem, cada vez mais depressa, sem deixar que ninguém introduzisse a mínima palavrinha e exaltando-se cada vez mais. Todos guardavam silêncio. O ambiente era desconfortável.

— Sim, é verdade que acontecem episódios críticos na vida conjugal — disse o advogado, querendo pôr termo a uma conversa tão inconveniente e exaltada.

— O senhor, ao que parece, já percebeu quem eu sou? — disse o senhor grisalho em voz baixa e aparentemente calma.

— Não, não tive o prazer de o conhecer antes.

— Prazer nenhum. Sou Pózdnichev, aquele a quem aconteceu o episódio crítico que o senhor está a insinuar e que consiste em ele ter matado a mulher — disse ele, passando o olhar rápido por cada um de nós.

Ninguém soube o que dizer, continuámos calados.

— Bom, não interessa — disse ele, fazendo o seu barulhinho muito peculiar. — Aliás, peço desculpa! Pois muito bem... não vou incomodá-los mais.

— Ora essa, por amor de Deus... — respondeu o advogado, sem ele próprio saber o que queria dizer com isso.

Mas Pózdnichev, sem o ouvir, virou-se rapidamente e foi para o seu lugar. O advogado e a senhora cochichavam. Eu estava sentado ao lado de Pózdnichev, mantendo o silêncio porque não sabia o que dizer. Na escuridão não podia ler, por isso fechei os olhos e fingi que tentava adormecer. Fomos assim, calados, até à estação seguinte.

Chegados a essa estação, o advogado e a senhora mudaram-se para outra carruagem, como já tinham combinado antes com o revisor. O encarregado acomodou-se no banco e adormeceu. Quanto a Pózdnichev, não parava de fumar e de tomar o chá que preparara na estação anterior.

Quando abri os olhos e olhei para ele, disse-me num tom decidido e irritado:

— Talvez seja desagradável para si estar sentado ao pé de mim, agora que sabe quem eu sou? Posso ir-me embora.

— Oh, não, deixe lá isso.

— Nesse caso... não quer tomar chá? Mas olhe que é forte. — E serviu-me chá.

— Eles dizem... e mentem... — disse ele.

— Está a falar de quê? — perguntei.

— Da mesma coisa: disso do amor, do que é esse amor. O senhor não tem sono?

— Nenhum.

— Então, se quiser, conto-lhe como foi que esse tal amor me levou a cometer o que cometi.

— Conte, se não for penoso para si.

— Não, para mim é mais difícil calar-me. Tome o chá, tome. Ou está forte demais?

O chá, efectivamente, parecia cerveja preta, mas bebi um copo dele. Passou o revisor. Pózdnichev, calado, olhou-lhe para as costas com olhos raivosos e apenas começou a falar quando o homem desapareceu.

3

— Vou então contar... Mas tem a certeza de que quer ouvir?

Voltei a dizer-lhe que gostaria muito de o ouvir. Ficou calado por um momento, esfregou a cara com as mãos e começou:

— Já que lhe conto, tenho de começar do princípio: como e por que me casei, e como eu era antes do casamento. Antes do casamento vivia como toda a gente, isto é, dentro do nosso círculo social. Sou proprietário rural, bacharel, fui decano da nobreza. Antes de me casar vivia como todos, ou seja, na depravação, e, como todos os homens do nosso círculo, ao viver na depravação tinha a certeza de que vivia com decência. Achava-me simpático e moralmente impecável. Não era um sedutor, não tinha gostos antinaturais, não fazia daquilo o objectivo principal da minha vida, ao contrário de muitos dos meus coetâneos, e entregava-me à depravação com decoro e seriedade, apenas por considerações de saúde. Evitava as mulheres que, pelo nascimento de uma criança ou por afeição, pudessem impor-me obrigações. Aliás, talvez houvesse crianças e afeições, mas eu fazia de conta que não existiam. E não só considerava moral aquela minha atitude como me orgulhava dela.

Fez uma pausa, emitiu aquele seu barulhinho específico, o que, pelos vistos, fazia sempre que lhe surgia uma ideia nova.

— Pois bem, é precisamente nisto que reside a maior ignomínia — exclamou. — A perversão não consiste em nada

de físico, porque nenhuma porcaria física é perversa; a perversão, a verdadeira, consiste precisamente no facto de o homem se libertar da atitude moral respectivamente à mulher com quem entra em relações físicas. Era precisamente esta liberdade que eu considerava o meu mérito. Lembro-me de como fiquei atormentado quando, uma ocasião, não tive oportunidade de pagar a uma mulher que, pelos vistos apaixonada por mim, se me entregou. Só fiquei descansado quando lhe mandei dinheiro, mostrando com isso que não me achava vinculado a ela moralmente. Não acene com a cabeça como se estivesse de acordo comigo — gritou-me de repente. — É que eu sei muito bem como é. Vocês todos, e o senhor também, a não ser que seja uma rara excepção, têm todos as mesmas noções que eu tinha. Bom, não interessa, desculpe — continuou —, o que eu quero dizer é que tudo isto é terrível, terrível, terrível!

— O que é terrível? — perguntei.

— Este equívoco abissal que estamos a viver, relativo às mulheres e às nossas atitudes para com elas. Pois é, não posso falar disto calmamente, e não é por ter tido aquele *episódio* (como o outro senhor lhe chama) mas porque, desde que ele aconteceu, os meus olhos se abriram e passei a ver tudo a uma luz muito diferente. Tudo virado do avesso, tudo!...

Acendeu o cigarro e, apoiando os cotovelos nos joelhos, começou a contar.

No escuro eu não via a cara dele, apenas ouvia, no meio do retintim do comboio, a sua voz imponente e agradável.

4

— Sim, foi só depois de ter sofrido o que sofri, e graças a isso, que eu percebi onde estava a raiz de tudo, que compreendi como deveriam ser as coisas, e por isso vi claramente todo o horror do que na realidade acontece.

«Veja então, por favor, como e quando começou o que viria a desembocar no meu episódio. Começou quando eu ainda não tinha dezasseis anos. Ainda andava no liceu, e o meu irmão mais velho no primeiro ano da faculdade. Eu ainda não conhecia as mulheres mas, como todas as desgraçadas crianças do nosso meio, já não era um rapaz inocente: ia já no segundo ano em que tinha sido pervertido por outros garotos; a mulher já me atormentava, não uma mulher concreta, mas a mulher em geral, como coisa deliciosa, uma mulher qualquer, a nudez da mulher. As minhas privacidades eram impuras. Sofria como sofrem noventa e nove por cento dos rapazes. Aterrorizava-me, sofria, rezava e caía em tentação. Na minha imaginação e na realidade já estava depravado, mas ainda não tinha dado o primeiro passo. Caía sozinho na perdição, ainda não deitava a garra a outro ser humano. Houve porém um colega do meu irmão, estudante universitário, brincalhão, dito «bom rapaz», ou seja, o pior dos velhacos, que nos ensinou a beber e a jogar às cartas, e nos convenceu, depois de uma bebedeira, a que fôssemos lá. Fomos. O meu irmão também era ainda casto e perdeu a inocência naquela noite. E eu, rapaz de quinze anos, também me profanei e contribuí para a profanação de

uma mulher, sem compreender absolutamente nada do significado do que fizera. É que nunca tinha ouvido da boca de nenhum adulto que aquilo era mau. Agora também ninguém o ouvirá. Na verdade, está escrito nos mandamentos, mas os mandamentos apenas são necessários para responder ao padre no exame, e não fazem assim tanta falta, muito menos do que a regra da utilização de *ut* com o modo condicional.

«Portanto, nunca ouvira da parte de nenhum adulto, daqueles de quem respeitava sempre a opinião, que aquilo era mau. Pelo contrário, as pessoas que eu respeitava diziam-me que era bom. Ouvia deles que a minha luta e os meus sofrimentos se aliviariam depois daquilo, ouvia isso e lia-o, ouvia os adultos a dizerem que aquilo seria bom para a minha saúde; quanto aos meus companheiros, ouvia-os dizer que havia naquilo um certo mérito, um sinal de virilidade. Portanto, nada se via naquilo que não fosse benéfico. O perigo das doenças? Também estava previsto. As autoridades, solícitas, tratam disso. Vigiam o funcionamento correcto dos prostíbulos e dão segurança à depravação dos colegiais. Os doutores recebem ordenado para vigiar. É lógico. Afirmam que a depravação faz bem à saúde, e também eles contribuem para organizar uma depravação correcta e asseada. Conheço mães que cuidam assim da saúde dos filhos. Também a ciência os manda frequentar os prostíbulos.»

— A ciência, em que sentido? — perguntei.

— Quem são os médicos senão os sacerdotes da ciência? Quem deprava os jovens dizendo que aquilo é necessário à saúde? São eles. E depois, com um ar muito importante, tratam a sífilis.

— Mas que mal tem tratar a sífilis?

— Se a centésima parte dos esforços que se fazem no tratamento da sífilis fossem utilizados para erradicar a depravação, deixaria de existir sombra de sífilis. Não se fazem esforços para liquidar a depravação mas para a incentivar, para garantir uma depravação segura. Bom, mas não é disso que se trata. Trata-se do que me aconteceu, a mim, e tam-

bém a noventa por cento dos homens, pelo menos, não só da nossa classe social mas de todas, inclusive os camponeses; trata-se desta coisa terrível: não perdi a inocência por ter cedido à sedução natural de uma certa mulher. Não, não me seduziu mulher nenhuma, apenas caí porque o meio que me rodeava via naquela queda ou um acto legal e benéfico para a saúde, na opinião de alguns, ou o mais natural divertimento de um jovem, não só perdoável mas até inocente. Eu nem sequer me apercebia de que havia ali uma queda, e comecei simplesmente a entregar-me àquela coisa que é em parte prazer, em parte necessidade, como me foi sugerido, numa determinada idade; comecei a entregar-me então a essa depravação, tal como comecei a beber e a fumar. Mesmo assim, naquela primeira queda havia algo de especial e comovedor. Lembro-me de que, logo a seguir, naquele mesmo quarto, senti uma grande tristeza, tão grande que me apetecia chorar, chorar a minha inocência perdida, a minha atitude para com a mulher irreparavelmente estragada. Pois é, a minha atitude natural e simples para com a mulher foi destruída para sempre. Desde então, essa minha atitude só podia ser desprovida de qualquer pureza. Tornei-me no que se chama um devasso. Ora, ser devasso é um estado físico, semelhante ao do morfinómano, do alcoólico, do fumador. Tal como o morfinómano, o alcoólico e o fumador não são pessoas normais, um homem que conheceu sexualmente várias mulheres para seu prazer deixa de ser normal para se tornar um homem estragado para sempre, o devasso. Do mesmo modo que o alcoólico e o morfinómano podem ser imediatamente descobertos pela cara e pelas maneiras, o devasso também pode ser logo reconhecido. O devasso pode abster-se, pode lutar; mas jamais terá uma atitude simples, clara, pura... fraterna para com as mulheres. É possível reconhecer o devasso pela maneira como olha para uma jovem, como a examina. Também me tornei devasso e fiquei assim para sempre, e foi isso que me levou à perdição.

5

— Pois é. Depois, foi de mal a pior, somaram-se os vários géneros de perversões. Meu Deus! Quando recordo todas as minhas sujeiras nesse campo fico aterrorizado! Pois, é assim que eu me vejo, que me recordo, eu, aquele de quem os meus companheiros troçavam por causa da minha suposta inocência! Olhe-se então agora para o comportamento dessa juventude dourada, desses oficiais, desses parisienses! E depois, todos esses senhores, já trintões depravados, incluindo eu, com centenas dos mais hediondos crimes contra as mulheres a pesar-nos na alma, entrávamos lavadinhos, cuidadosamente barbeados, perfumados, de camisas frescas, de casacos ou fardas, numa sala de estar ou num baile, e éramos o símbolo da pureza, um encanto!

«Pense o senhor o que deveria ser e o que acontece na realidade. Deveria ser assim: quando entrar um senhor desses numa sociedade em que está a minha irmã, a minha filha, eu, conhecendo a vida dele, deveria aproximar-me, chamá-lo de lado e dizer-lhe em voz baixa: "Meu caro, sei como vives, como e com quem passas as tuas noites. Aqui não há lugar para ti. Aqui há meninas castas, inocentes. Vai-te embora!" Deveria ser assim mas, na realidade, acontece que quando esse senhor chega e dança com a minha irmã, com a minha filha, abraçando-as, rejubilamos porque esse senhor é rico e tem ligações importantes com a alta sociedade. Talvez se digne também honrar a minha filha depois de ter honrado uma Rigolboche[3]. Mesmo que leve

vestígios dela, doenças... não faz mal. Hoje em dia trata-se bem das doenças. É verdade, sei que várias meninas da alta sociedade foram casadas pelos pais com sifilíticos, e com uma grande alegria. Oh, oh, que repugnância! Que cheguem os tempos em que este nojo e esta falsidade sejam desmascarados!»

Fez por várias vezes aqueles seus barulhinhos e pegou no chá. O chá era terrivelmente forte e não havia água para o diluir. Eu já me sentia muito excitado pelos dois copos que bebera. Pelos vistos, também a ele o chá produzia o seu efeito, porque se tornava cada vez mais exaltado. A sua voz soava de maneira cada vez mais cantada e expressiva. Não parava de mudar de posição, tirava o chapéu, voltava a pô-lo e, naquela penumbra, a sua cara alterava-se estranhamente.

— Foi assim que eu vivi até aos trinta anos de idade, sem abandonar por um instante a intenção de me casar e de organizar a mais sublime e pura vida familiar, e com este objectivo andava à procura da menina conveniente — continuou Pózdnichev. — Estava mergulhado na devassa putrefacção e, ao mesmo tempo, observava as meninas que, pela sua pureza, fossem dignas de mim! Rejeitei muitas delas, precisamente porque não eram puras o bastante para mim; por fim encontrei uma que me pareceu digna da minha pessoa. Era uma das duas filhas de um proprietário rural de Penza, outrora muito rico mas naquela altura arruinado.

«Uma noite, depois de termos dado um passeio de barco e quando, sob o luar, regressávamos a casa, indo eu sentado com ela no coche a admirar os caracóis do seu cabelo e a sua figura esbelta dentro de um vestido justinho de jérsei, decidi que era ela a escolha certa. Nessa noite parecia-me que ela percebia tudo, tudo o que eu sentia e pensava, e que sentia e pensava coisas extremamente sublimes. Na verdade, acontecia apenas que o jérsei lhe ficava muito bem, tal como os caracóis, e que, depois de um dia passado ao pé dela me apeteceu uma intimidade ainda maior.

«É espantoso como, por vezes, temos a plena ilusão de que a beleza e o bem são a mesma coisa! Uma mulher bo-

nita farta-se de dizer tolices, nós ouvimos e não reparamos na sua estupidez, aquilo parece-nos inteligência. Ela farta-se de dizer e fazer coisas feias, mas nós vemos naquilo algo de querido. Ora, quando ela não diz tolices nem faz porcarias, e é bonita, convencemo-nos de imediato que ela é divinamente inteligente e possuidora de uma elevada moral.

«Voltei para casa fascinado e concluí que ela era o cúmulo da perfeição moral e que, por isso, era digna de ser minha mulher; no dia seguinte pedi-a em casamento.

«Que confusão esta! Entre mil homens que se casam, não só no nosso estrato social mas também entre o povo, infelizmente, é pouco provável encontrar-se um que não tenha estado casado dez vezes, ou cem, ou mil, como Don Juan, antes do casamento. (Aliás, vejo e oiço dizer que existem agora homens castos e com sentimentos que sabem que o casamento não é uma brincadeira mas uma coisa grande e séria. Que Deus os ajude! No meu tempo, porém, em dez mil homens não havia um assim.) E toda a gente está a par deste facto mas finge não saber nada. Em todos os romances são descritos em pormenor os sentimentos dos heróis, e os lagos e a vegetação à beira dos quais os heróis passeiam; porém, quando se descreve o seu grande amor por alguma moça, nada se diz sobre o que aconteceu na vida do herói antes disso; não se diz uma palavra sobre as suas visitas aos bordéis, sobre as criadas, as cozinheiras, as mulheres alheias. Mesmo que tais romances indecentes tenham existido, não são revelados, em primeiro lugar, às pessoas que mais precisariam de estar ao corrente, isto é, às raparigas. Primeiro, em frente das raparigas, finge-se que não existe aquela depravação que infesta metade da vida das nossas cidades e até aldeias. Depois acontece uma habituação tão grande a este fingimento que acabamos, como os ingleses, por acreditar que todos nós somos pessoas de elevada moral e que vivemos num mundo moral. Ora, as raparigas, coitadas, acreditam nisso piamente. Assim acreditava a minha desgraçada mulher. Lembro-me, quando já éramos noivos, que lhe mostrei o meu diário, susceptível de lhe revelar nem que fosse apenas um pouco do meu passado, antes de mais o meu último caso, já que ela poderia vir a sabê-lo pela

boca de outros... sendo por isso mesmo que eu sentia necessidade de lho confessar. Lembro-me de como, ao compreender, ficou aterrorizada, desesperada e confusa. Vi que, naquele momento, a vontade dela era rejeitar-me. Oh, por que não o fez?»

Pózdnichev emitiu aquele seu barulhinho, depois calou-se e bebeu mais um gole de chá.

6

— Aliás, não, assim é melhor, é melhor! — exclamou. — Bem feito! Mas não interessa. Queria eu dizer que, nesta situação, só as pobres raparigas são enganadas. Quanto às mães, sobretudo às que são educadas pelos maridos, sabem perfeitamente o que se passa. E, fingindo que acreditam na pureza dos homens, agem na verdade de maneira muito diferente. Sabem bem qual é o melhor anzol para apanhar os homens, em seu proveito ou no das filhas.

«É que só nós, os homens, não sabemos (e não sabemos porque não queremos saber), mas as mulheres sabem muito bem que o amor mais sublime, dito poético, não depende das qualidades morais mas da intimidade física e, além disso, do penteado, da cor e do modelo do vestido. Pergunte a uma coquete experiente o que prefere arriscar: ser vista como mentirosa, cruel e até devassa na presença do objecto de sedução, ou apresentar-se diante dele com um vestido feio e mal costurado? Qualquer uma preferirá a primeira hipótese. Ela sabe que nós, homens, mentimos descaradamente sobre os sentimentos elevados, que o homem precisa apenas do corpo e, por isso, perdoará todas as porcarias, mas nunca um vestido feio, de mau gosto, de *mauvais ton*. A coquete tem consciência disso, mas qualquer rapariga pura o sabe inconscientemente, como o sabem os animais.

«Daqui provêm esses jérseis abomináveis, essas almofadinhas nos traseiros, esses ombros, braços e peitos quase nus. As mulheres, sobretudo as que passaram pela aprendi-

zagem com homens, sabem muito bem que as conversas sobre matérias sublimes, sim senhor, tudo bem, mas do que o homem precisa é do corpo e de tudo o que o apresente a uma luz mais sedutora; e é isto que se faz. É que, se pusermos de lado o hábito dessa monstruosidade, que se tornou a nossa segunda natureza, e olharmos para a vida das nossas classes superiores tal como ela é, com toda a sua falta de vergonha, veremos que se trata de um mero prostíbulo. Não está de acordo? Permita que lho prove — disse, interrompendo-me. — O senhor diz que as mulheres na nossa sociedade têm outros interesses que não os das mulheres dos bordéis, mas eu digo que não e vou prová-lo. Se as pessoas se diferenciam pelos seus objectivos de vida, pelo conteúdo da vida, esta diferença tem de se reflectir também, necessariamente, no seu aspecto exterior, ou seja, o aspecto exterior terá de ser diferente. Mas olhe para essas desgraçadas, para essas desprezadas e, por outro lado, olhe para as senhoras da mais alta sociedade: os mesmos atavios, os mesmos modelos, os mesmos perfumes, a mesma nudez dos braços, dos ombros e dos peitos, os mesmos vestidos justos no traseiro espetado, a mesma paixão pelas pedrinhas, pelas coisinhas caras e brilhantes, os mesmos divertimentos, as mesmas danças, músicas e cantos. As primeiras seduzem com todos os meios, as segundas também. Não há diferença nenhuma. Falando com rigor, temos de dizer que as prostitutas a curto prazo são normalmente desprezadas, e que as prostitutas a longo prazo são respeitadas.

7

— Pois bem, foi assim que esses jérseis, esses caracóis e essas almofadinhas me apanharam. Aliás, era fácil apanharem-me porque fui educado naquelas condições em que se cultivam os jovens apaixonados como pepinos nas estufas. É que a nossa alimentação excitante e excessiva, em combinação com a completa ociosidade física, mais não é do que o atiçamento sistemático da volúpia. Por mais que o senhor se admire, olhe que isto é verdade. Eu próprio não me apercebi de nada disto até aos últimos tempos. Mas agora percebi. Por isso me atormenta que ninguém queira saber, que se digam repetidamente as mesmas tolices que aquela senhora passageira disse.

«Bom, nesta Primavera andaram os mujiques a trabalhar perto da minha casa e no aterro do caminho-de-ferro. A alimentação base de um camponês é pão, *kvass*[4], cebola; dá-lhe forças, energia, ele é saudável, faz o seu trabalho no campo com facilidade. Quando vai trabalhar para a via férrea, a sua ração diária consiste em papas de cereais e uma libra de carne. Mas gasta as forças que esta carne lhe dá no seu trabalho de dezasseis horas diárias, empurrando um carro de mais de trinta arrobas. E fica tudo certo para ele. Mas nós, que ingerimos duas libras de carne por dia, caça e todo o género de iguarias e bebidas excitantes, que efeito tiramos? Os excessos sensuais. E quando a energia é gasta nisso, a válvula salvadora está aberta e corre tudo bem; mas tente fechar a válvula, como eu a fechava temporariamente,

e verá que o resultado imediato será uma excitação que, passando pelo prisma da nossa vida artificial, se exprime em ficarmos apaixonados, literalmente, e por vezes até platonicamente. Apaixonei-me, como se apaixona toda a gente. Era tudo tal qual: o fascínio, o enternecimento, a poesia. Mas, na essência, esse meu amor era produto, por um lado, da actividade da mãezinha dela e das modistas, e, por outro, do excesso de alimentos que eu ingeria na minha vida ociosa. Se, por um lado, não houvesse passeios de barco, nem modistas e vestidos de cintura justa, etc., mas em vez disso a minha mulher vestisse uma bata sem graça e não saísse de casa; e se, por outro lado, eu vivesse nas condições normais do homem que ingere apenas o alimento necessário ao seu trabalho; e se tivesse a válvula salvadora aberta (note que, por acaso, ela ficou fechada nessa altura), não me apaixonaria e não aconteceria nada.»

8

— Pois bem, tudo coincidiu: o meu estado, o vestido que lhe assentava bem, o passeio de barco bem sucedido. Vinte vezes não resultou, mas de repente sim. Uma espécie de armadilha. Não estou a brincar. É que, actualmente, os casamentos são arranjados assim, à maneira de armadilhas. O que seria natural? A rapariga amadureceu, é preciso casá-la. É tudo muito simples quando a rapariga não é feia e há homens que querem casar-se, não é? Antigamente era assim que as coisas se faziam. A moça crescia, ficava casadoira, os pais arranjavam-lhe casamento. Era assim que se fazia e é assim que se continua a fazer em toda a humanidade: entre os chineses, os índios, os muçulmanos, entre o nosso povo; noventa e nove por cento do género humano procede assim. Apenas entre nós, os devassos, um por cento ou menos da humanidade, se achou que isto estava mal e se inventou uma maneira nova. E que maneira é essa? A novidade consiste em que as raparigas estão sentadas, e os homens andam ali, como no mercado, e escolhem. As raparigas esperam e pensam, sem se atreverem a dizê-lo: «Por favor, escolhe-me a mim: olha que ombros e outras coisas eu tenho.» E nós andamos por ali e observamos, e estamos muito contentes: «Bem sei o que vós quereis, não caio nessa.» Os homens andam por ali, olham e ficam muito contentes com a exibição organizada para eles. Mas, de repente, um pequeno descuido e... zás, foi apanhado!

— Mas qual é a saída? — perguntei. — Quer que seja a mulher a fazer o pedido de casamento?

— Não sei qual é a saída; só sei que, se querem igualdade, tem de ser uma verdadeira igualdade! Acharam que arranjar casamento à antiga é humilhante, mas este outro método é mil vezes mais humilhante. Se ali os direitos e as possibilidades eram iguais, aqui a mulher ou é escrava ou é o isco da armadilha. Tente dizer a uma mãezinha, ou a uma menina, que a sua única ocupação é apanhar um noivo. Meu Deus, que ofensa! No entanto, não fazem mais do que isso, e não têm mais nada que fazer. E o mais terrível é ver por vezes nesta ocupação raparigas muito novinhas, coitadas, inocentes. E, mais uma vez: se tudo fosse feito abertamente, mas não, é tudo mentiroso: «Ah, a origem das espécies, que interessante! Ah, a Lisa interessa-se muito pela pintura! O senhor vai à exposição? Que edificante! E o passeio de troica, e o espectáculo, e a sinfonia! Ah, que maravilha! A minha Lisa é louca por música! Por que é que o senhor não partilha essas convicções? E o passeio de barco!...» Mas na cabeça dela só vai uma ideia: «Toma, toma-me, toma a minha Lisa! Não, a mim! Por favor, tenta pelo menos!...» Oh, que nojo! Que mentira! — concluiu e, bebendo o resto do chá, pôs-se a arrumar a loiça.

9

— A propósito — recomeçou ele a falar, arrumando no saco o chá e o açúcar —, o domínio das mulheres com que todo o mundo sofre é causado pela mesma coisa.

— O domínio das mulheres como? — perguntei. — Os direitos e os privilégios pertencem aos homens.

— Sim, sim, isso mesmo — interrompeu-me —, é disso que lhe quero falar, é isso mesmo que explica o fenómeno extraordinário de a mulher, por um lado, ter sido empurrada para a mais completa humilhação, mas, por outro, dominar tudo. Do mesmo modo que os judeus se vingam da opressão de que são vítimas com o seu poder financeiro, assim se processa o domínio das mulheres. Dizem os judeus: «Então, quereis que nós sejamos apenas mercadores. Está bem. Nós, mercadores, vamos apossar-nos de vós todos.» Dizem as mulheres: «Então, quereis que nós sejamos apenas objectos de sensualidade. Está bem, então, como objectos de sensualidade, vamos escravizar-vos.» A ausência de direitos da mulher não consiste em não poder votar ou ser juíza (não há quaisquer direitos nesta actividade), mas em não poderem ser iguais ao homem nas relações sexuais, em não terem o direito de utilizar o homem, ou abster-se dele por sua própria vontade, em escolherem um homem por sua livre vontade, em vez de serem escolhidas. Diz-me que isto está mal, não é? Muito bem. Nesse caso, o homem também não deve ter estes direitos. Actualmente, a mulher está privada de um direito que o homem possui. Em consequência, para com-

pensar a falta deste direito, ela influencia a sensualidade do homem e, através da sensualidade, domina-o de tal maneira que ele só formalmente faz a sua escolha, quem escolhe de facto é ela. E, ao ter aprendido uma vez a utilizar este método, a mulher abusa dele e adquire um poder terrível sobre os homens.

— Mas onde vê esse poder? — perguntei.

— Onde? Por todo o lado, em tudo. Passe pelas lojas de qualquer grande cidade. Há ali milhões investidos, é impossível avaliar-se o trabalho humano despendido, mas, em noventa por cento dessas lojas, vê alguma coisa para os homens? Todo o luxo da vida é exigido e fomentado pelas mulheres. Milhões de pessoas, gerações inteiras de escravos perecem nos trabalhos forçados das fábricas apenas em prol dos caprichos femininos. As mulheres, como rainhas, mantêm na escravidão do trabalho duríssimo noventa por cento da humanidade. E tudo porque foram humilhadas, privadas de direitos iguais aos homens. Então, vingam-se influenciando a nossa sensualidade, apanhando-nos nas suas redes. Sim, é tudo por causa disso. As mulheres fizeram de si próprias um instrumento tão forte de influenciar a sensualidade que o homem não pode comunicar tranquilamente com a mulher. Basta-lhe aproximar-se de uma mulher para ficar enfeitiçado e perder a cabeça. Eu já antes sentia um desconforto, um receio quando via uma senhora ataviada de vestido de baile, mas agora estou literalmente aterrorizado, vejo nisso um verdadeiro perigo para os homens, qualquer coisa de ilegal, e tenho vontade de chamar a polícia, de ter uma protecção contra o perigo, de exigir que o objecto perigoso seja retirado de circulação, seja eliminado.

«O senhor ri-se! — gritou-me. — Mas olhe que isto não é brincadeira nenhuma. Tenho a certeza de que chegará o tempo, e talvez muito em breve, em que as pessoas tomem consciência disto e se espantem com o facto de ter existido uma sociedade que admitia tais procedimentos, violando a tranquilidade pública, procedimentos como este de enfeitar o corpo para excitar a sensualidade, e que é autorizado às mulheres na nossa sociedade. É o mesmo que colocar nos

passeios todo o género de armadilhas... Não, é pior! Por que são proibidos os jogos de azar e não as mulheres que se vestem com trajos de prostitutas, trajos que provocam a sensualidade? São mil vezes mais perigosas!»

10

— Ora bem, foi assim mesmo que me apanharam! Eu estava o que se chama apaixonado. Não só a imaginava como o cúmulo da perfeição, durante todo o período do meu noivado, como também pensava que eu próprio era o cúmulo da perfeição. É que não existe um canalha que, procurando um pouco, não encontre canalhas piores do que ele, neste ou naquele sentido, e que, por isso, não arranje motivo de se orgulhar e de estar contente consigo próprio. Assim era eu: não me casava por dinheiro, a cobiça nada tinha a ver com isso, diferentemente da maioria dos meus conhecidos que se casavam por interesse de dinheiro ou de relações na sociedade; eu era rico, ela era pobre. Esta é a primeira coisa. Outro motivo do meu orgulho era o facto de os outros se casarem com a intenção de continuarem a viver na mesma poligamia em que viviam antes do casamento; mas eu não, eu tinha a firme intenção de me manter monógamo, e isso era a causa que tornava o meu orgulho desmedido. Sim, eu era um porco terrível, mas imaginava-me um anjo.

«O noivado não foi longo. Não posso recordar sem vergonha este período! Que nojo! Tratava-se de um amor espiritual, entenda-se, e não sensual. Bom, quando se trata de um amor espiritual, de uma comunicação espiritual, é possível fazê-lo em conversa, com palavras. Mas não havia nada disso. Quando ficávamos sozinhos, tínhamos grande dificuldade em falar. Era um trabalho de Sísifo. Mal inven-

tava alguma coisa para dizer e a dizia, logo precisava de me calar e inventar outra. Não havia nada de que falar. Já fora tudo dito o que havia para dizer sobre a vida que nos esperava, como a organizaríamos, quais eram os nossos planos... E depois? É que, se fôssemos animais, saberíamos que não tínhamos obrigação de falar; mas nós tínhamos de falar mesmo quando não havia nada para dizer, porque o que tem interesse é proibido nas conversas. Além disso, existe esse monstruoso hábito de comer confeitos, essa gula abominável de doces e todos esses preparativos para o casamento: conversas sobre a casa, sobre o quarto de dormir, as camas, os roupões, a roupa, as *toilettes*. Tente compreender que, quando as pessoas se casam de acordo com as regras do *Domostrói*, como dizia aquele velho, os colchões, o enxoval, a cama, tudo isso são apenas pormenores que acompanham o sacramento. Ora, entre nós, em cada dez homens que se casam é pouco provável encontrar um que acredite no sacramento, ou sequer que o casamento seja uma espécie de obrigação; e então, quando é pouco provável achar-se um entre cem que não tenha "casado" antes do casamento, ou um entre cinquenta que não se prepare para enganar a mulher sempre que puder, e quando a maioria considera a ida à igreja apenas uma condição especial para possuir determinada mulher... pense no significado terrível que, nesta situação, adquirem todos aqueles pormenores. A conclusão será de que é a única coisa que interessa. Uma espécie de venda. Vendem a um homem depravado uma rapariga inocente e rodeiam esta venda de certas formalidades.»

11

— É assim que toda a gente se casa, e foi assim que eu também me casei e que começou a tão apregoada lua-de--mel. O próprio nome... é tão ignóbil! — sibilou com raiva. — Uma ocasião andava em Paris a correr os espectáculos e vi num anúncio uma mulher com barba e um cão marinho; fui vê-los. Afinal era apenas um homem com vestido de mulher e um cão enfiado dentro de uma pele de morsa a nadar na banheira. Não tinha graça nenhuma; mas, quando eu estava de saída, o apresentador acompanhou-me educadamente e, apontando para mim, dizia ao público: «Perguntem a este senhor se não vale a pena ver! Entrem, entrem, a entrada é um franco!» Eu tinha vergonha de dizer que não valia a pena, e o apresentador, pelos vistos, contava com isso. Provavelmente, é isto que acontece com todos aqueles que experimentaram a repugnância da lua-de-mel e não quiseram desiludir os outros. Eu na altura também não desiludi ninguém, mas agora não vejo razão para esconder a verdade. Até o acho necessário. Aquilo é embaraçoso, vergonhoso, abominável, mas, sobretudo, é um tédio, um tédio insuportável! É qualquer coisa de parecido com o que experimentei quando me habituava a fumar, quando ficava enjoado e começava a salivar, mas engolia o cuspo e fingia que era muito agradável. O prazer de fumar, e também daquela coisa, se aparecer é mais tarde: é preciso que os esposos cultivem entre si o vício para experimentarem uma sensação de prazer.

— Qual vício? — disse eu. — Está a falar do fenómeno mais natural da vida humana.

— Natural? — replicou ele. — Natural? Não, digo-lhe o contrário, cheguei à conclusão de que isso não é... natural. É antes absolutamente antinatural. Pergunte às crianças, pergunte a uma rapariga não depravada. A minha irmã casou-se muito novinha com um homem com o dobro da idade dela, um homem devasso. Lembro-me de como ficámos espantados na noite do casamento quando ela, pálida e banhada em lágrimas, fugiu dele toda a tremer, dizendo que nunca, mas nunca... que nem sequer podia pronunciar o que ele queria dela.

«O senhor diz: é natural. O natural existe. Existe quando é alegria, quando é fácil e agradável, quando não é vergonhoso desde o início; mas aqui é nojento, vergonhoso e doloroso. Não, não é natural! E estou convencido de que uma rapariga inocente odeia sempre isso.»

— Mas como se continuaria então a espécie humana? — objectei.

— Pois, é claro, que o género humano não se extinga! — disse ele com uma ironia raivosa, como se já estivesse à espera desta objecção que, para ele, era familiar e de má fé. — Pregar a abstinência da procriação em nome da possibilidade de os lordes ingleses continuarem a poder-se empanturrar... isso é lícito; pregar a abstinência da procriação para que haja mais prazer também é lícito; mas se alguém se atreve a propor a abstinência da procriação em nome da moral... ai meu Deus, que gritaria se levanta: o género humano pode extinguir-se porque uma ou duas dúzias de pessoas querem deixar de ser porcas... Desculpe, esta luz é desagradável para mim, posso tapá-la? — disse ele apontando para o lampião.

Eu disse que não me fazia diferença, e ele, com brusquidão, como tudo o que fazia, subiu para o banco e correu a cortina de lã, tapando o lampião.

— Em qualquer caso — disse eu —, se toda a gente admitisse isso como lei, o género humano deixaria de existir.

Não me respondeu de imediato.

— Como era que o género humano continuaria, perguntou o senhor? — disse ele, voltando a sentar-se à minha frente, abrindo muito as pernas e espetando nelas os cotovelos. — Mas para que é que este género humano precisa de continuar?

— Para quê? De outra forma não existiríamos.

— E porque havemos de existir?

— Porquê? Para viver.

— E viver para quê? Se não existe qualquer objectivo, se a vida nos é dada apenas para viver, então não vale a pena. E, a ser assim, o senhor Schopenhauer, o senhor Hartmann e, também, todos os budistas têm razão. Mas, se existir um objectivo de vida, é evidente que a vida tem de cessar quando o objectivo for atingido. Essa é que é essa — dizia ele, visivelmente emocionado, dando certamente um alto valor à sua ideia. — Essa é que é essa. Repare: se o objectivo da humanidade for o bem, a bondade, o amor e assim por diante; se o objectivo da humanidade for o que consta nas profecias, ou seja, que todas as pessoas se unam pelo amor, que transformem as espadas em arados, etc., o que impedirá que este objectivo não seja alcançado? Impedem-no as paixões. De todas as paixões, a mais forte, maldosa e persistente é o amor sexual, carnal; é por isso que, se desaparecerem as paixões, incluindo esta última, a mais forte de todas, o amor carnal, a profecia cumpre-se, as pessoas unem-se, o objectivo da humanidade será alcançado, e a humanidade deixará de ter razões para existir. Mas, por enquanto, a humanidade vive e tem pela frente um ideal que não é, obviamente, o ideal dos coelhos ou dos porcos, o de se propagarem ao máximo, nem o ideal dos macacos ou dos parisienses, que é o de utilizarem da maneira mais esmerada possível os prazeres da paixão sexual, mas sim o ideal do bem que se atinge pela abstinência e pela pureza. Os homens sempre ansiaram e continuam a ansiar por este ideal. Mas veja o que na realidade acontece.

«Acontece que o poder carnal é uma válvula salvadora. Se a geração actual não conseguiu o objectivo, apenas não o conseguiu porque a dominam as paixões e, entre elas, a

mais forte, a sexual. Ora, uma vez que há paixão sexual, haverá nova geração e, por consequência, a possibilidade de se atingir o objectivo na geração seguinte. Se esta também falhar, haverá mais uma, e assim por diante até ao momento em que o objectivo for alcançado e a profecia cumprida, o momento em que as pessoas estarão unidas. De outro modo, como seria? Se admitirmos que Deus criou os homens para atingir determinado objectivo, poderia tê-los criado mortais, sem paixão sexual, ou imortais. Se fossem mortais mas sem paixão sexual, o que aconteceria? Aconteceria que viveriam e, sem atingirem o objectivo, morreriam; então, para conseguir o objectivo, Deus deveria criar novos homens. Ora, se fossem imortais, suponhamos então que alcançariam o objectivo muitos milhares de anos depois (embora, ao contrário de homens diferentes de diferentes gerações, seja difícil para os mesmos homens corrigir os erros e aproximar-se da perfeição). Neste caso, para que serviriam eles? O que fazer com eles depois disso? O melhor é o que se passa agora... Mas talvez o senhor não goste desta forma de expressão, talvez o senhor seja evolucionista? Não importa, neste caso o resultado é o mesmo. A espécie superior do animal, a humana, para se conservar na luta contra outros animais, tem de se unir, como um enxame de abelhas, em vez de se propagar infinitamente; à maneira das abelhas, tem de criar indivíduos assexuados, ou seja, mais uma vez, procurar a abstinência e nunca a excitação da volúpia para a qual está orientado todo o sistema da nossa vida. — Calou-se por um momento. — O género humano extingue-se? Mas será que alguém, seja qual for a sua visão do mundo, pode duvidar disso? É que isso é tão indubitável como a morte. De acordo com todas as doutrinas eclesiásticas, virá o fim do mundo, e de acordo com todas as doutrinas científicas tem de acontecer a mesma coisa. Será então de estranhar que, da doutrina moral, resulte o mesmo?»

Depois disto, Pózdnichev manteve um silêncio prolongado, tomou mais chá, fumou um cigarro, tirou do saco mais cigarros e pô-los na cigarreira velha e suja.

— Compreendo a sua ideia — disse eu. — Os *shakers*[5] afirmam qualquer coisa parecida.

— Sim, sim, e têm razão — disse ele. — A paixão sexual, seja como for que a enfeitem, é um mal, um mal terrível contra o qual se deve lutar, e não estimulá-lo como se faz entre nós. As palavras do Evangelho sobre o homem que, olhando para uma mulher e cobiçando-a, já comete adultério, não dizem respeito apenas às mulheres alheias mas, também, à nossa própria mulher.

12

— No entanto, no nosso mundo acontece precisamente o contrário: se um homem, enquanto é solteiro, ainda pensa na abstinência, quando se casa acha que a abstinência é desnecessária. E essas viagens depois do casamento que permitam aos recém-casados ficarem a sós com a bênção dos pais, não passam de uma autorização para a depravação. Mas a lei moral, quando a violamos, vinga-se por si. Por mais que eu tentasse organizar bem a lua-de-mel, não resultava. Tudo era sempre repugnante, vergonhoso, entediante. Não tardou a tornar-se também insuportavelmente penoso. E muito depressa. Parece que foi no terceiro ou quarto dia que encontrei a minha mulher anuviada, comecei a perguntar-lhe porquê, a abraçá-la, o que, pensava eu, era tudo o que ela podia desejar; mas ela afastou a minha mão e chorou. Porquê? Ela não sabia explicar, mas sentia-se triste e oprimida. Pelos vistos, os seus nervos extenuados sugeriam-lhe a verdade, o carácter nojento das nossas relações; mas não sabia explicá-lo. Eu insistia, ela respondia qualquer coisa, que tinha saudades da mãe. Pareceu-me mentira. Comecei a consolá-la, sem lhe falar da mãe. Eu não percebia que ela estava simplesmente aflita, que a mãe era apenas uma desculpa! Mas ela ficou imediatamente ofendida por eu não lhe falar da mãe e, desse modo, mostrar que não lhe dava crédito. Disse que via muito bem que eu não gostava dela. Acusei-a de ser caprichosa e, de repente, o seu rosto transfigurou-se, de irritação e não de tristeza, e pôs-se

a dizer-me palavras muito cáusticas, contra-acusando-me de egoísmo e crueldade. Olhei para ela. A sua cara era o espelho da frieza e da hostilidade completas, de quase ódio. Lembro-me de ter ficado horrorizado quando a vi assim. Como? O que é isto?, pensava eu. O amor é a união das almas e, em vez disso... Não era possível, não era ela! Tentei amaciá-la mas esbarrei contra um muro tão intransponível de hostilidade fria e venenosa que, num instante, fui presa também da irritação e dissemos um ao outro coisas muito desagradáveis. Foi terrível a impressão que me deixou esta primeira disputa. Pensava naquilo como uma discussão mas, na verdade, era a manifestação do abismo que havia entre nós. O estado de paixão esgotara-se com a satisfação da sensualidade e ficámos em frente um do outro na nossa verdadeira relação mútua, ou seja, como dois egoístas absolutamente estranhos que queriam tirar o máximo de prazer um do outro. Eu chamava discussão ao que aconteceu entre nós; mas aquilo não foi uma discussão, foi a revelação da nossa verdadeira atitude recíproca causada pelo desaparecimento da sensualidade. Eu não compreendia que aquela atitude fria e hostil era a nossa relação normal, não o compreendia porque aquela atitude hostil, nos primeiros tempos, nos foi muito rapidamente ocultada pela sensualidade destilada, ou seja, pela sensação de paixão.

«E pensei que era uma discussão, que depois se fariam as pazes, e que não aconteceria mais. Porém, ainda durante a lua-de-mel, não tardou a repetir-se o momento de saciedade, e de novo deixámos de ser necessários um ao outro, e voltou a acontecer uma discussão. A segunda discussão impressionou-me ainda mais dolorosamente do que a primeira. Portanto, pensava eu, a primeira não fora casual, fora inevitável, e seria sempre assim. A segunda discussão impressionou-me ainda mais porque surgiu por um motivo completamente absurdo. Qualquer coisa por causa do dinheiro; é certo que eu não poupava o dinheiro, e muito menos em proveito da minha mulher. Lembro-me apenas que ela deu a volta às coisas de tal forma que uma mera observação minha se transformou, segundo ela, no meu

desejo de a dominar pelo dinheiro, sobre o qual, supostamente, eu estabeleceria o meu direito exclusivo, enfim, uma coisa estúpida, ignóbil, nada própria de mim nem dela. Irritei-me, comecei a acusá-la de falta de delicadeza; ela acusava-me também... e de novo começámos a altercar. Nas suas palavras, na expressão do rosto e dos olhos voltei a ver a mesma hostilidade fria e cruel que tanto me impressionara da primeira vez. Eu já tivera discussões com o meu irmão, lembro-me, com o meu pai, com os meus amigos, mas nunca havia entre nós aquela raiva venenosa que acontecia comigo e com ela. Passado algum tempo, porém, aquele ódio mútuo voltou a esconder-se por trás da paixão, ou seja, da sensualidade, e eu ainda me consolava com a ideia de que era possível emendar aqueles dois erros. Mas veio a terceira discussão, e a quarta, e então percebi que não era uma casualidade, que tinha de ser assim mesmo, que seria sempre assim, e aterrorizei-me com o que me reservava o futuro. Ao mesmo tempo, afligia-me a ideia de que eu era o único homem a viver assim tão mal, diferentemente do que esperava antes, enquanto com os outros casais isso não acontecia. Ainda não sabia que era aquele o destino de todos, e que todos, tal como eu, pensavam que era a sua sina exclusiva e escondiam a sua desgraça exclusiva e vergonhosa não só dos outros mas também de si próprios.

«Aquilo já vinha desde os primeiros dias e continuava, intensificando-se, exacerbando-se. Senti no fundo da alma, desde os primeiros dias, que tinha sido *apanhado*, que aquilo não era o que estava à espera, que o casamento não só não era a felicidade como era uma coisa muito grave; porém, tal como todos os outros, não queria confessá-lo sequer a mim próprio (ainda hoje o não confessaria se não tivesse havido aquele desfecho), escondia-o de mim e dos outros. Espanta-me, agora, como era possível não ver a minha situação real. É que tal situação era posta a nu pelo simples facto de os motivos que davam origem às discussões serem tão reles que, quando acabávamos de discutir, nem sequer nos lembrávamos deles. A razão não conseguia arranjar pretextos suficientes para a permanente hostilidade mútua. Mas era ainda mais

espantosa a insuficiência dos pretextos para a reconciliação. Por vezes havia palavras, esclarecimentos, até lágrimas, mas outras vezes... oh, até mete nojo recordá-lo ainda hoje!... Depois das mais cruéis trocas de palavras, surgiam de repente os olhares silenciosos, os sorrisos, os beijos, os abraços... Que nojeira! Como era possível que, naquela altura, eu não visse o lado abominável daquilo tudo?...»

13

Entraram dois passageiros que começaram a acomodar-se num banco longe de nós. Enquanto eles se instalavam, o meu interlocutor manteve-se calado; mal eles se aquietaram, continuou a falar sem perder por um instante que fosse o fio à meada.

— O que é essencialmente repugnante? — disse. — Pressupõe-se teoricamente que o amor é qualquer coisa ideal, elevada, mas na prática o amor é uma coisa repugnante, suína, até dá nojo e vergonha falar dele, lembrá-lo. Como é nojento e vergonhoso, deveríamos entendê-lo como tal. Mas não, faz-se de conta que o nojento e o vergonhoso é o belo e o elevado. Quais eram os primeiros indícios do meu amor? Era entregar-me aos excessos animais, sem me envergonhar e, sabe-se lá porquê, orgulhando-me desses excessos físicos, sem pensar minimamente na vida espiritual dela nem, sequer, na sua vida física. Eu espantava-me, não percebia donde provinha a nossa raiva, mas o problema era perfeitamente claro: a raiva não era mais do que o protesto da natureza humana contra o animal que a oprimia.

«Surpreendia-me o nosso ódio recíproco. Mas não podia ser de outra maneira. Aquele ódio não era mais do que o ódio mútuo de dois cúmplices num crime, um ódio causado pela incitação ao crime e pela participação no crime. E não será também crime ela ter engravidado logo no primeiro mês, coitada, e as nossas relações continuarem?... O senhor acha que estou a desviar-me da minha história? Nada disso!

Continuo a explicar-lhe como matei a minha mulher. No tribunal perguntaram-me com que a matei. Parvalhões! Pensam que a matei com uma faca naquele dia 5 de Outubro. Não foi nesse dia que a matei mas muito antes. Da mesma forma que eles estão a matar agora, todos, eles todos...»

— Mas como? — perguntei.

— Assim mesmo, e é isso que me admira: ninguém quer compreender uma coisa tão clara e evidente, uma coisa que os médicos sabem e deveriam divulgar mas silenciam. O problema é muitíssimo simples. O homem e a mulher estão feitos da mesma forma que o animal e, assim, depois do acto carnal começa a gravidez, depois a amamentação, ou seja, dois estados em que, tanto para a mulher como para o filho, o amor carnal é nocivo. O número de homens e de mulheres é igual. O que se conclui disso? Parece simples. Não é necessária grande sabedoria para se tirar idêntica conclusão à que tiram os animais, isto é, a abstinência. Mas não. A ciência conseguiu descobrir uns leucócitos quaisquer que correm no sangue e outras insignificâncias inúteis, mas não conseguiu compreender aquilo. Pelo menos, não ouvimos a ciência falar daquilo.

«A mulher vê-se então perante a alternativa: ou tornar-se um monstro, eliminando de uma vez ou à medida das necessidades a sua capacidade de ser mulher, ou seja, mãe, para que o homem possa deleitar-se calma e constantemente; ou adoptar outra solução, que, aliás, não é solução nenhuma, mas uma violação simples, grosseira e directa das leis da natureza, e que é cometida em todas as famílias ditas honestas. Ou seja, a mulher, a despeito da sua natureza, tem de ser simultaneamente a grávida, a lactante e a amante, tem de ser aquilo a que nenhum animal se rebaixa. Não há forças para tudo isso. É por isso que na nossa vida há histerias, nervos, e no povo há as *klikuchas*[6]. Repare que, entre as raparigas virgens, não há *klikuchas*, apenas entre as mulheres que vivem com os maridos. É assim que as coisas se passam entre nós. E é assim que as coisas se passam também na Europa. Os hospitais estão cheios de mulheres histéricas que violam a

lei da natureza. Mas, se as *klikuchas* e as pacientes do doutor Charcot são deficientes totais, o mundo está cheio de semideficientes. Pense só no grande acontecimento que é uma mulher transportar em si o feto ou amamentar o recém-nascido. Está a crescer uma criatura que é a nossa continuação, a nossa substituição. E é este processo sagrado que se viola... e com quê? Até dá medo pensar nisso! Ainda se atrevem a falar da liberdade, dos direitos da mulher! Imagine os canibais a cevarem os seus prisioneiros para os comerem depois e, ao mesmo tempo, afirmando que se preocupam com os seus direitos e a sua liberdade. Pois bem, é a mesma coisa.»

Tudo isso era novo para mim e impressionou-me.

— Mas, então, como será? Nesse caso — disse eu —, resulta que só se pode amar a mulher uma vez em cada dois anos, e no entanto o homem...

— O homem precisa — concluiu ele. — Ora aí está outra coisa de que os queridos sacerdotes da ciência convenceram toda a gente. Eu obrigaria esses sábios a cumprir as funções das mulheres que, na opinião deles, são necessárias aos homens, e depois veríamos então que discurso seria o deles! Convença um homem de que tem necessidade de vodca, tabaco, ópio, e tudo isso se tornará uma necessidade para ele. Pois, é que Deus não compreendeu o que era necessário e, como não consultou os sábios, criou tudo mal. Por favor, veja a discrepância. O homem precisa, o homem tem necessidade de satisfazer a sua volúpia, decidiram eles, mas com isso vem misturar-se a procriação e a lactação, o que coloca obstáculos à satisfação de uma tal necessidade. Como vamos então fazer? Dirijam-se aos sábios, eles vão resolver o problema. E foi então que os sábios inventaram uma saída. Oh, quando serão desmascarados esses sábios e mais as suas mentiras? Já não é sem tempo! A coisa chegou a um ponto tal que as pessoas enlouquecem e se matam a tiro, e tudo por causa disso. E é natural. Porque os animais parecem saber que a sua prole dá continuidade à respectiva linhagem e que estão a cumprir uma lei a este respeito. Só o homem não sabe nem quer saber disso. Preocupa-se apenas com a fruição do máximo prazer. E quem age assim? O rei da natureza, o

homem. Repare: os animais copulam apenas quando podem procriar, mas o nojento rei da natureza fá-lo sempre, procurando apenas o prazer. Mais ainda: o homem eleva esta actividade de macaco até à pérola da criação, o amor. E em nome deste amor, ou seja, desta porcaria, o homem arrasta para a perdição... o quê?!... metade do género humano. Pelos seus prazeres, transforma em inimigas todas as mulheres, que deveriam ser parte integrante na progressão da humanidade para a verdade e para o bem. Ora veja: o que é que, por todo o lado, trava o avanço da humanidade? As mulheres. E por que é que elas são assim? Apenas por isto que acabei de dizer. Sim, sim — repetiu ele várias vezes e começou a agitar-se, a tirar os cigarros, a fumar, provavelmente com a intenção de se acalmar.

14

— Pois era assim mesmo, como um porco, que eu vivia — continuou no mesmo tom. — O pior, entretanto, era que levava aquela vida repugnante mas, só porque não me encantava com outras mulheres, imaginava que a minha vida conjugal era honesta, que eu era um homem moral e que não tinha culpa de nada, e que, se tínhamos conflitos, a culpa era dela, do seu feitio.

«Mas a culpa, evidentemente, não era dela. Ela era como todas, era como a maioria das mulheres. Foi educada de acordo com as exigências da situação da mulher na nossa sociedade, como são educadas todas as mulheres das camadas abastadas, sem excepção, e como não podem deixar de o ser. Fala-se agora de uma tal nova educação das mulheres. Palavras ocas: a educação da mulher é exactamente como deve ser nas condições da atitude real, e não fingida, para com a mulher.

«A educação da mulher irá sempre corresponder à maneira como é vista pelo homem. E todos sabemos como o homem olha para a mulher: "Wein, Weiber und Gesang"[7], assim dizem os poetas. Considere toda a poesia, toda a pintura e toda a escultura, desde as Vénus e as Frine nuas, e verá que a mulher é um instrumento de prazer; é assim nos bairros sórdidos e nos bailes da corte. E repare na astúcia do Diabo: ela é o prazer, o deleite, mas não é dito abertamente que a mulher é prazer, que é uma guloseima. Não, dantes os cavaleiros afirmavam que veneravam a mulher (sim,

veneravam-na, mas enfim, olhavam para ela como para um instrumento de prazer). Agora deitaram-se a dizer que respeitam a mulher. Alguns cedem-lhe o lugar, apanham-lhe o lencinho do chão; outros reconhecem-lhes o direito de ocuparem qualquer cargo, de participarem na administração, etc. Fazem tudo isso mas olham para ela como dantes. Como instrumento de prazer. Olham para o corpo dela como um meio de prazer. E ela sabe-o. É o mesmo que a escravidão. Sim, porque a escravatura não é mais do que a utilização por parte de alguém do trabalho escravo de muitos outros. Por isso, para que a escravidão não exista é necessário que as pessoas não queiram aproveitar-se do trabalho escravo dos outros, que considerem isso um pecado, uma vergonha. Entretanto, abolem a forma exterior da escravatura, proibindo que se façam escrituras de compra e venda de escravos, e imaginam, convencem-se até, que a escravatura já não existe, não vêem nem querem ver que ela continua porque as pessoas, como antes, gostam e acham bem, acham justo, aproveitar-se do trabalho dos outros. Ora, uma vez que acham isso bem, aparecerão sempre pessoas mais fortes e manhosas do que as outras que conseguirão fazê-lo. A mesma coisa acontece com a emancipação da mulher. É que a escravidão da mulher resume-se ao facto de que os homens desejam e acham bem utilizá-la como instrumento de prazer. Emancipa-se então a mulher, são-lhe concedidos vários direitos iguais aos dos homens, mas continua-se a vê-la como um instrumento de prazer, é assim educada na infância pela família e pela opinião pública. No entanto, continua a ser a mesma escrava humilhada e depravada, e o homem continua a ser o mesmo escravagista depravado.

«Emancipa-se a mulher nos cursos superiores e nas instituições públicas, mas olha-se para ela como um instrumento de prazer. Basta ensiná-la a ver-se assim, como se faz entre nós, para ela ficar um ser inferior para sempre. Assim ou ela vai, com a ajuda dos canalhas dos doutores, prevenir a concepção do feto, ou seja, vai tornar-se uma prostituta que não desceu ao nível do animal mas sim ao do objecto, ou então será o que já é de facto na maioria dos casos: uma doente

mental, uma histérica, uma desgraçada sem qualquer hipótese de desenvolvimento espiritual.

«O liceu e os cursos superiores não podem mudar esta situação. Apenas poderá mudá-la a alteração da atitude dos homens para com as mulheres e da atitude das mulheres para consigo próprias. A mudança apenas acontecerá quando a mulher começar a considerar como estado superior o seu estado de virgem, e não como agora em que este estado superior é considerado uma vergonha. Enquanto isso não existir, o ideal de qualquer rapariga, independentemente da sua educação, será sempre o mesmo: atrair o maior número possível de homens, de machos, para ter a maior escolha possível.

«Ora, o facto de uma mulher saber mais de matemática e de outra tocar harpa não muda nada. A mulher só é feliz e alcança o auge do desejável quando consegue encantar um homem. Por isso, o objectivo principal da mulher é saber encantá-lo. Sempre assim foi, sempre assim será. É assim entre nós enquanto ela é rapariga, assim será na sua vida de casada. Na sua vida de rapariga precisa disto para ter escolha, na sua vida de casada para dominar o marido.

«A única coisa que trava este processo, pelo menos temporariamente, são os filhos, e apenas quando a mulher não é um monstro e os amamenta do próprio seio. Mas de novo se intrometem os doutores.

«Quando nasceu o primeiro filho à minha mulher, que ela queria amamentar como viria a fazer com todos os filhos que se seguiram, aconteceu ficar adoentada. Pois esses doutores, que cinicamente a despiam e apalpavam por todo o lado, e eu ainda tinha de lhes agradecer e pagar, pois esses queridos doutores acharam que ela não devia amamentar, e foi assim que ela, naqueles primeiros tempos, ficou desprovida do único meio que a poderia salvar da coqueteria. Quem alimentava a criança era uma ama, ou seja, aproveitávamo-nos da pobreza, da necessidade e da ignorância de uma mulher, roubámo-la ao filho dela para alimentar o nosso, ao mesmo tempo que lhe ataviávamos a cabeça com o *kokóchnik*[8] de galões. Mas não interessa.

O certo foi que, naquele período em que ela ficou isenta da gravidez e da lactação, recrudesceu na minha mulher, com uma força particular, a sua garridice feminina. E, em correspondência com isso, cresceu também de intensidade o tormento dos ciúmes que sempre me atormentaram durante a vida de casado, como não podem deixar de torturar todos os maridos que vivem como eu vivia, ou seja, de modo imoral.»

15

— Durante toda a minha vida de casado, nunca deixei de sofrer de ciúmes. Mas havia períodos em que o sofrimento se agravava muito. Um deles foi o período em que os médicos a proibiram de amamentar o nosso primeiro filho. Tinha muitos ciúmes porque, em primeiro lugar, a minha mulher passava por aquela inquietação própria das mães, provocada pela violação injustificada da ordem correcta da vida; em segundo lugar porque, quando vi com que facilidade ela abandonou a sua obrigação moral de mãe, cheguei à conclusão correcta, embora inconsciente, de que também seria fácil para ela abandonar a sua obrigação conjugal, ainda por cima porque ela era perfeitamente saudável e, apesar da proibição dos queridos médicos, viria a amamentar os filhos seguintes, e de maneira excelente.

— Vejo que o senhor não gosta de médicos — disse eu ao reparar no seu tom particularmente raivoso de cada vez que os mencionava.

— Não se trata de gostar ou não gostar. Eles deram cabo da minha vida, da mesma forma que deram cabo da vida de milhares, de centenas de milhares de pessoas, no passado e no presente, e eu não posso deixar de ligar a causa ao efeito. Compreendo que eles queiram ganhar dinheiro, tal como os advogados, e eu dar-lhes-ia de boa vontade metade dos meus rendimentos, tal como lhes ofereceriam metade dos seus rendimentos aqueles que compreendem o que eles fazem, só para eles não se intrometerem na nossa vida familiar e não se

aproximarem de nós. Não recolhi expressamente informação, mas conheço inúmeros casos, às dezenas: ora matam o filho na barriga da mãe, decretando que ela não pode parir, mas depois ela dá à luz maravilhosamente; ora matam as mães com o pretexto de uma cirurgia qualquer. E ninguém contabiliza estes assassínios, tal como não se contabilizavam os assassínios da inquisição porque se supunha que eram para o bem da humanidade. É impossível enumerar os crimes cometidos por eles, mas esses crimes não são nada em comparação com a corrupção moral materialista que eles introduzem no mundo, sobretudo através das mulheres. Já não falo do que aconteceria se seguíssemos as prescrições deles: por causa das infecções por todo o lado, as pessoas não devem juntar-se mas separar-se; pela doutrina deles, toda a gente deveria manter-se afastada e não tirar da boca uma seringa com ácido fénico (aliás, descobriram que isso também não resulta). Mas é um mal menor. O veneno principal é a depravação das pessoas, sobretudo das mulheres.

«Hoje em dia é impossível dizer: "Vives mal, tens de viver melhor." Não podemos dizê-lo a nós próprios nem aos outros. Se vivemos mal, a causa é a anormalidade das funções nervosas, etc. E temos de ir à consulta, e eles receitam-nos um medicamento de 35 copeques, e nós tomamo-lo. Pioramos, não há problema, existem outros medicamentos, outros médicos. Excelente!

«Mas isso não interessa. Estava só a dizer que ela amamentava os filhos muito bem, e que a gestação e a amamentação dos filhos eram as únicas coisas que me salvavam do tormento dos ciúmes. Se não fosse isso, tudo aconteceria mais cedo. Os filhos salvaram-nos, a mim e a ela. Em oito anos nasceram-lhe cinco filhos. E amamentou-os sozinha a todos.»

— Onde estão agora os seus filhos? — perguntei.

— Os filhos? — repetiu ele, assustado.

— Desculpe, talvez seja doloroso para si recordar...

— Não, não faz mal. A minha cunhada e o meu cunhado, irmão dela, ficaram com os meus filhos. Não mos deram. Entreguei-lhes a minha fortuna, mas não me deram os

filhos. Porque sou uma espécie de louco. Fui visitá-los, estou agora de volta. Posso vê-los, mas não mos dão. Porque se correria o risco de os educar de maneira diferente dos pais. Ora, é considerado necessário que cresçam iguais a eles. Não há nada a fazer! Compreendo que não mos dêem, que não confiem em mim. De resto, nem sei se teria forças para os educar. Acho que não. Sou uma ruína, um aleijado. Tenho só uma coisa: sei. Sim, é verdade, sei o que os outros ainda tardarão muito a saber.

«Sim, os meus filhos estão vivos e crescem selvagens, como toda a gente à volta deles. Vi-os três vezes. Não posso fazer nada por eles. Nada. Agora vou para o sul, para a minha casa. Tenho lá uma casinha e um pequeno jardim.

«Pois é, não será em breve que as pessoas saberão o que eu sei. É possível saber-se rapidamente quanto ferro e outros metais há no sol e nas estrelas, mas saber-se qual a coisa que desmascara a nossa porcaria é difícil, muitíssimo difícil...

«O senhor, pelo menos, ouve-me, e estou-lhe grato por isso.»

16

— O senhor trouxe à baila os meus filhos. Mais uma vez, que grande mentira em relação aos filhos! Os filhos são uma bênção de Deus, os filhos são alegria. Tudo isso é mentira. Tudo isso existiu outrora, mas agora já não existe. Os filhos são sofrimento, mais nada. É assim que a maioria das mães o sente e, por vezes, sem quererem, dizem-no abertamente. Pergunte à maioria das mães do nosso círculo de pessoas abastadas, e elas dir-lhe-ão que, por medo de que os filhos adoeçam e morram, não querem ter filhos e, se os têm, não querem amamentá-los depois do nascimento, para não se afeiçoarem demais, para não sofrerem. O prazer que uma criança lhes dá com o seu encanto, aquelas mãozinhas, aqueles pezinhos, aquele corpinho, pois esse prazer que a criança dá não leva a melhor sobre o sofrimento que as mães sentem, já sem falar das doenças e da perda do filho, basta o medo da possibilidade da doença e da morte. Ponderadas as vantagens e as desvantagens, resulta que é desfavorável e, logo, indesejável ter filhos. Elas dizem-no frontalmente, sem medo, imaginando que tal sentimento lhes provém do seu amor às crianças, um sentimento bom e louvável de que se orgulham. Não vêem que, com um raciocínio destes, negam directamente o amor e apenas afirmam o seu egoísmo. Para elas, os sofrimentos que provêm do medo pela criança superam o prazer que se tira do encanto dessa criança, e é por isso que talvez não haja criança que seja verdadeiramente amada.

Elas não se sacrificam por um ser amado, sacrificam o ser amado por elas.

«É evidente que não se trata de amor mas de egoísmo. Mas não me atrevo a acusar de egoísmo as mães das famílias abastadas quando me lembro do que elas sofrem com a saúde dos filhos, graças ao papel dos mesmos doutores na nossa vida senhorial. Quando me lembro, mesmo hoje, da vida e do estado da minha mulher nos primeiros anos, já com três, quatro crianças, e quando ela se dedicava inteiramente a elas... fico com medo. Não tínhamos vida. Era uma espécie de perigo permanente, a salvação, outra vez o perigo, outra vez os esforços desesperados e outra vez a salvação... constantemente, como num barco a naufragar. Às vezes parecia-me que ela o fazia de propósito, que se fingia preocupada com os filhos só para me derrotar; que era uma grande tentação para ela agir assim e resolver desse modo simples todos os problemas a seu favor. Enfim, parecia-me que tudo o que ela dizia e fazia nessas alturas era preparado de propósito. Mas não, ela sofria realmente com os filhos, afligia-se com a saúde e com as doenças deles. Era uma tortura para ela e para mim também. Sim, porque existia afeição pelos filhos, a necessidade animal de os alimentar, de os defender, de cuidar deles, inerente à maioria das mulheres, mas não havia uma coisa que só os animais têm, isto é, a ausência de imaginação e de razão. Uma galinha não tem medo do que pode acontecer ao seu pintainho, não conhece as doenças que podem atingi-lo, não conhece os remédios que, imaginam as pessoas, podem salvar o pintainho das doenças e da morte. Então, para a galinha, os filhos não são uma tortura. Faz pelos seus pintainhos o que lhe é inerente e que é a alegria dela; os filhos, para ela, são a felicidade. E, quando um pintainho adoece, os cuidados dela são muito determinados: aquece-o, alimenta-o. E, ao fazê-lo, sabe que está a fazer tudo o que é necessário. Se o pintainho morre, a galinha não pergunta porque morreu nem para onde foi, cacareja um pouco, depois deixa o assunto de lado e continua a viver como antes. Tal não acontece com as nossas desgraçadas mulheres, e com a minha também não. Já sem falar das doenças e dos métodos de tratamento, ouvia e lia

regras constantemente alteradas e infinitamente variadas sobre a educação das crianças. Alimentar assim e assim; não, é errado, o alimento tem de ser outro; vestir, dar de beber, dar banho, pôr na cama, levar a passear, o ar livre... para tudo isso nós, sobretudo ela, descobríamos regras novas todas as semanas. Como se o nascimento de crianças datasse apenas de ontem. Mas se a alimentação tinha sido errada, se o banho não tinha sido dado a tempo, e a criança adoecia, concluía-se que a culpa era da mãe, que tinha feito qualquer coisa errada.

«Quando a criança está bem de saúde já é um martírio, mas quando adoece é o fim do mundo. Um inferno. Parte-se do princípio que a doença pode ser tratada e que existe uma ciência e pessoas para isso, os doutores, e que eles é que sabem. Nem todos, mas os melhores sabem. Pois bem, quando a criança está doente é preciso, portanto, arranjar o melhor, o que sabe salvar, e então a criança será salva; mas se não arranjarmos esse melhor doutor, ou se vivermos num sítio diferente do desse doutor, a criança está perdida. E esta não é uma fé exclusiva dela, é a fé de todas as mulheres do seu círculo, e ela não pára de ouvir em todo o lado: morreram os dois filhos de Ekaterina Semiónovna porque não chamaram a tempo o Ivan Zakháritch; o Ivan Zakháritch salvou a filha mais velha de Mária Ivánovna; a família Petrov, a conselho do doutor, mudou-se a tempo para o hotel e salvou-se, de outro modo as crianças tinham morrido. Muito bem, a senhora tal tinha um filho débil e, a conselho do doutor, mudaram-no para o sul e o petiz salvou-se. Então, como pode a mulher evitar enervar-se e sofrer se toda a vida dos seus filhos, por quem ela tem uma afeição animal, depende de ela saber a tempo qual é a opinião de Ivan Zakháritch? Mas ninguém sabe o que dirá Ivan Zakháritch, e ele próprio ainda menos porque ele próprio sabe muito bem que não sabe nada e não pode ajudar, que apenas usa de subterfúgios para que não deixem de acreditar que ele sabe alguma coisa. Se ela fosse um animal completo não sofria tanto; se ela fosse um ser humano completo, teria fé em Deus, pensaria e falaria como as camponesas crentes: "Deus o dá, Deus o leva, não fugimos da vontade divina." Pensaria que a morte de

todas as pessoas, inclusive dos filhos, estava fora do poder humano e apenas sob o poder de Deus, e então não sofreria ao considerar que, tendo a possibilidade de prevenir as doenças e a morte dos filhos, não o fez. Porque a situação dela era a seguinte: foram-lhe dadas criaturas mais fracas, mais sujeitas às inumeráveis desgraças. Sente por estas criaturas um afecto apaixonado, animal. Além disso, estas criaturas foram confiadas aos seus cuidados, mas os meios de as proteger são-nos ocultados, a nós, e abertos a pessoas que nos são completamente estranhas, a quem podemos adquirir os serviços e os conselhos mediante muito dinheiro, e nem sempre.

«Portanto, toda a nossa vida com os filhos foi um sofrimento e não uma alegria, tanto para a minha mulher como para mim. Como se podia não sofrer? Ela sofria permanentemente. Às vezes, acabávamos de nos acalmar depois de uma cena de ciúmes, ou de uma simples discussão, e queríamos viver um pouco, ler, pensar; mas não: mal começávamos alguma coisa, chegava-nos de repente a notícia de que Vássia estava a vomitar, ou de que as fezes de Macha saíram ensanguentadas, ou de que Andriucha tinha erupções, e pronto, já não havia vida. Para onde correr, que médicos procurar, como separar as crianças? E começavam os clisteres, os termómetros, os xaropes, os médicos. Mal acabava tudo isso, começava mais qualquer coisa. Não havia uma boa vida familiar, sólida. Havia sim, como já lhe disse, o permanente afã pela salvação de perigos reais ou imaginados. Mas é isto que, hoje em dia, acontece na maioria das famílias. Na minha família era uma coisa muito intensa. A minha mulher adorava os filhos e era demasiado crédula.

«Portanto, a presença dos filhos não melhorava a nossa vida, antes a envenenava. Além disso, os filhos eram para nós mais um motivo de discórdias. Desde que nasceram as crianças, e à medida que cresciam, elas próprias se tornavam cada vez mais os meios ou os motivos de conflitos. E não só: os filhos serviam-nos de armas para a luta, lutávamos um com o outro usando os filhos como armas. Cada um tinha a sua arma preferida: uma das crianças. Eu combatia de preferência usando o Vássia, o mais velho; ela

utilizava a Lisa. Além disso, quando os filhos cresceram um pouco e os seus caracteres se definiram, tornaram-se aliados ora meus, ora dela, consoante a nossa vontade. E eles, coitados, sofriam terrivelmente com isso, mas nós, na nossa guerra permanente, ficávamos incapazes de pensar neles. A miúda era minha aliada, e o rapaz, o mais velho, parecido com a mãe e o preferido dela, chegava a despertar-me ódio.»

17

— Era então assim que vivíamos. As nossas relações tornavam-se cada vez mais hostis. Acabámos por chegar a tal ponto que já não eram as discordâncias que despoletavam a hostilidade, mas a hostilidade que provocava as discordâncias: dissesse ela o que dissesse, eu já estava previamente em desacordo, e ela portava-se da mesma maneira.

«Ao fim de quatro anos de casamento concluímos, tacitamente, que era impossível compreender-nos, chegarmos a qualquer consentimento. Já abandonáramos as tentativas de concordarmos um com o outro fosse no que fosse. Cada qual tinha a sua opinião imutável sobre as coisas mais simples, sobretudo em relação aos filhos. Lembro-me de que as opiniões que eu defendia não me eram assim tão preciosas que não pudesse desistir delas; mas como a opinião dela era contrária à minha, se eu cedesse era o mesmo que ceder-lhe, a ela. Ora, nisso era que eu não podia cair. E para ela era o mesmo. Pelos vistos, achava que tinha sempre absoluta razão, e eu também, também considerava sagradas as minhas opiniões. Quando estávamos sozinhos os dois, quase nos condenávamos ao silêncio, ou então tínhamos conversas que até os animais por certo poderiam ter: "Que horas são? São horas de dormir. O que há hoje para o almoço? Onde é preciso ir? O que diz o jornal? Chama o médico. Macha está com dores de garganta." Bastava ultrapassarmos um pouquinho este circuito fechado de conversa para explodir a irritação. Surgiam os confrontos e as manifestações de

ódio por causa do café, da toalha de mesa, da charrete, de uma jogada nas cartas, enfim coisas que no fundo não podiam ter qualquer importância nem para mim nem para ela. Dentro de mim, pelo menos, fervia muitas vezes um ódio terrível por ela! Via como ela servia o chá, como baloiçava o pé ou como levava a colher à boca, sorvendo o líquido com barulho, e só por isso a odiava, como se estivesse a cometer o acto mais horrível. Naquela altura não reparava que os meus períodos de raiva se tornavam perfeitamente regulares, alternando com aquilo a que chamávamos amor. Um período de amor, um período de raiva; um período de amor enérgico, um período de raiva prolongado. Não nos apercebíamos, então, de que esse amor e essa raiva eram o mesmo sentimento animal, só que de extremos contrários. Seria ainda mais terrível viver assim se tivéssemos consciência da nossa situação, mas não compreendíamos, não tínhamos consciência dela. A salvação e o martírio do homem consiste precisamente no facto de levar uma vida aberrante mas poder toldar de tal maneira a consciência que não nota a calamidade da situação. Assim fazíamos nós. Ela tentava distrair-se embrenhando numa lida da casa tensa e afobada, no arranjo das salas, no tratamento da sua roupa e da roupa das crianças. Eu tinha a minha própria embriaguez: o serviço público, a caça e as cartas. Estávamos sempre ocupados, ambos. E sentíamos que, quanto mais ocupados estávamos, mais raivosos nos tornávamos um para o outro. "Para ti é fácil fazer essas caretas — pensava eu. — Serrazinaste-me toda a noite com as tuas cenas, e eu tenho agora uma reunião." "Tu estás aí todo fresco — não só pensava mas dizia ela —, eu é que passei a noite em branco com o bebé."

«Assim vivíamos sem ver, no meio daquele nevoeiro permanente, a situação em que estávamos metidos. E se não acontecesse o que aconteceu e se eu vivesse da mesma maneira até à velhice, pensaria, na hora da morte, que tinha vivido bem, uma vida não muito boa mas também nada má, igual à de toda a gente; não compreenderia aquele abismo de desgraça e aquela mentira abominável em que me debatia.

«Não passávamos porém de dois grilhetas presos à mesma corrente, odiando-se, envenenando a vida um do outro e tentando não ver isso. Eu ainda não sabia que noventa e nove por cento dos casais viviam no mesmo inferno que eu, e que não podia ser de outra maneira. Naquela altura não o sabia, nem quanto aos outros nem quanto a mim próprio.

«São espantosas as coincidências que acontecem numa vida correcta e mesmo na incorrecta! É precisamente quando a vida conjunta dos pais se torna insuportável que surge a necessidade das condições urbanas para a educação dos filhos. Torna-se então obrigatório que a família se mude para a cidade.»

Calou-se e, por duas vezes, emitiu os seus estranhos barulhinhos que, desta vez, se assemelhavam mesmo a um choro contido. Estávamos a aproximar-nos da estação.

— Que horas são? — perguntou.

Olhei para o relógio, eram duas horas.

— Não está cansado? — perguntou-me.

— Eu não, mas o senhor está.

— Tenho falta de ar. Com licença, vou passear um pouco, beber água.

E, cambaleando, foi pelo corredor da carruagem. Fiquei sozinho, recapitulando tudo o que ele me tinha dito, tão mergulhado nos meus pensamentos que não reparei que ele regressava pela outra porta.

18

— Pois é, estou a desviar-me muito da minha história — começou ele. — Tenho pensado tanto, vejo agora as coisas de um ângulo tão diferente que sinto grande vontade de dizer tudo isto. Ora bem, começámos portanto a viver na cidade. A cidade é melhor para as pessoas infelizes. Na cidade, uma pessoa pode viver cem anos e não reparar que já morreu há muito e apodreceu. Não temos tempo de pensar em nós, estamos totalmente ocupados. Negócios, relações públicas, saúde, artes, saúde e educação das crianças, receber as visitas destes e daqueles, visitar outros, é preciso ver a actriz tal, ouvir o cantor ou a cantora tal. Na cidade pode aparecer a qualquer momento uma ou mesmo duas celebridades que é impensável perder. É preciso tratar da nossa saúde, ou da saúde deste ou daquele; ele são os preceptores, as preceptoras, os professores... e no entanto a vida é vazia, vazia. Por isso, na cidade, eu e ela sentíamos menos a dor da convivência. Além disso, nos primeiros tempos, distraía-nos um maravilhoso passatempo: a instalação numa cidade nova, numa casa nova, as constantes mudanças da cidade para a aldeia e da aldeia para a cidade.

«Passou-se um Inverno, chegou outro e, então, deu-se a aparentemente insignificante circunstância, imperceptível para todos, que acabaria por desembocar no que finalmente aconteceu. Ela estava adoentada e os canalhas proibiram-na de ter filhos, ensinando-lhe um método para isso. Para mim era uma situação abominável. Lutei contra isso, mas ela,

com leviana teimosia, levou a sua avante; eu resignei-me. Fora-nos tirada a última justificação para a vida suína, os filhos, e a vida tornou-se ainda mais nojenta.

«O mujique, o trabalhador, precisa de filhos, embora lhe seja difícil alimentá-los, e por isso as suas relações conjugais têm uma justificação. Ora nós, quando temos alguns filhos, não precisamos de mais, são uma preocupação acrescida, mais despesas, são co-herdeiros, são um fardo. E deixamos de ter justificação para a nossa vida suína. Ou nos libertamos artificialmente dos filhos, ou vemos os filhos como uma desgraça, como consequência de um descuido, o que é ainda mais repugnante. Deixa de haver justificações. Mas a nossa queda moral é tão profunda que nem sequer vemos necessidade de justificação. A maioria do mundo culto actual entrega-se a esta depravação sem o mínimo remorso.

«Não há remorsos porque na nossa vida não há qualquer consciência, exceptuando, por assim dizer, a consciência da opinião pública e do código penal. Mas, neste caso, não se viola nenhum deles: não temos de nos envergonhar perante a sociedade, pois *todos* fazem o mesmo: tanto Mária Pávlovna como Ivan Zakháritch. Para quê procriar pobres ou privar-nos da vida social? Também não há razão para nos envergonharmos ou termos medo face ao código penal. Só as putas desavergonhadas e as mulheres dos soldados atiram os filhos para os lagos e para os poços; estas, evidentemente, têm de ser metidas na cadeia, e sabe-se como entre nós tudo é feito limpa e atempadamente.

«Vivemos assim ainda mais dois anos. O método dos canalhas começou, pelos vistos, a surtir efeito: ela engordou, ficou mais bonita, como a última beleza do Verão. Ela sentia isso e tratava do seu aspecto físico. Ganhou uma beleza provocadora que inquietava as pessoas. Era uma mulher que, na força dos seus trinta anos, cheia e excitada, não dá à luz. Quando passava pelos homens atraía os seus olhares. Era como um cavalo cansado de estar inactivo, bem alimentado e atrelado, mas sem freio. Não havia ali freio nenhum, como não o há em noventa e nove por cento das nossas mulheres. Eu sentia-o e tinha medo.»

19

Soergueu-se de repente e sentou-se mais perto da janela.

— Desculpe-me — disse e, fixando os olhos na janela, ficou assim uns três minutos, em silêncio. Depois suspirou fundo e voltou a sentar-se à minha frente. A sua cara mudara por completo, tinha agora os olhos lamentosos e um quase sorriso, estranho, entortava-lhe os lábios. — Estou um pouco cansado mas vou continuar. Ainda há muito tempo, ainda não amanheceu. Pois — recomeçou, acendendo o cigarro. — Ela engordou na época em que deixou de dar à luz, e começou a desaparecer-lhe aquela doença, aquele sofrimento por causa dos filhos; não era tanto uma convalescença, era mais um processo de desintoxicação, como se se desembriagasse, como se acordasse e visse que havia um mundo de Deus com alegrias, um mundo que ela já tinha esquecido; mas não sabia viver nele, não compreendia esse mundo de Deus. «Não perder nada! O tempo corre, é irrecuperável! Imagino que ela pensaria assim, ou antes, sentia assim, mas também não podia pensar e sentir de outra maneira: fora educada na ideia de que só existia no mundo uma coisa digna de atenção: o amor. Casou-se, recebeu um pouco desse amor, mas muito longe do que lhe tinha sido prometido e ela esperava, e também muitas desilusões, sofrimentos e, logo a seguir, um martírio inesperado: os filhos! Este martírio esgotou-a. Depois, graças aos solícitos doutores, ficou a saber que se podia passar sem filhos. Ficou contente, experimentou e reanimou-se para a única coisa que conhecia:

o amor. Porém, o amor pelo marido emporcalhado pelos ciúmes e pela raiva já não era desejável. Começou a imaginar outro amor qualquer, limpinho, novinho... Pelo menos, era isso que eu pensava dela. Pôs-se a olhar à volta, como que à espera de alguma coisa. Eu via isso e não podia deixar de me preocupar. Começou a acontecer, a cada passo, que ela, conversando comigo indirectamente, como era seu hábito, isto é, dirigindo a terceiros o discurso que era para mim, expunha com atrevimento e quase a sério, sem se dar conta de que uma hora antes defendera precisamente o contrário, a ideia de que os cuidados maternos eram uma ilusão, que não valia a pena dedicar toda a vida aos filhos quando somos jovens e podemos aproveitar a vida. Já tratava menos das crianças e sem aquele desespero de outrora, dedicando cada vez mais atenção a si própria, embora o escondesse, à sua beleza, aos seus prazeres e até ao seu aperfeiçoamento. Voltou a interessar-se com entusiasmo pelo piano que antes esquecia por completo. Foi por aí que tudo começou.

Voltou de novo os olhos cansados para a janela mas, pelos vistos com esforço, logo continuou:

— Apareceu então aquele homem. — Atrapalhou-se, fungou duas vezes aquele seu barulhinho.

Eu via que era doloroso para ele pronunciar o nome do homem, recordá-lo, falar dele. Mas fez um esforço e, como se derrubasse um obstáculo, continuou com decisão:

— Era um homenzinho reles, a meu ver, é claro, na minha apreciação. Não pelo papel que desempenhou na minha vida mas porque, na realidade, era mesmo assim. Aliás, a insignificância do homem era uma prova de que ela não regulava bem. Se não fosse ele seria outro, tinha de ser. — Voltou a calar-se. — Pois bem, era músico, violinista; não era músico profissional, apenas semiprofissional, assim como era apenas homem de sociedade por metade.

«O pai dele era proprietário rural, vizinho do meu pai. Ele, o pai do músico, arruinou-se, e os filhos, três rapazes, organizaram a sua vida; só este, o mais novo, foi mandado para a madrinha que vivia em Paris. Lá, meteram-no no

conservatório porque ele tinha talento musical, e saiu de lá violinista, tocava em concertos. Era um homem... — Pelos vistos queria dizer alguma coisa má sobre o homem mas conteve-se e continuou rapidamente: — Bom, não sei qual era a vida dele lá, sei apenas que nesse ano apareceu na Rússia e me visitou.

«Tinha uns olhos amendoados e húmidos, os lábios vermelhos sorridentes, um bigodinho coberto de fixador, um penteado à última moda, uma cara vulgarmente bonita de que as mulheres dizem "bem giro", uma compleição fraca embora apresentável, o traseiro desenvolvido como o de uma mulher, ou como o dos hotentotes, segundo dizem. Ouvi dizer que estes também são dotados para a música. Procurava a familiaridade de trato, mas só na medida do possível pois era sensível e sabia parar à mínima relutância da nossa parte, mantendo a dignidade exterior e aquele toque especial parisiense das botas com botões, da gravata de cores vivas e de outras coisas que os estrangeiros assimilam em Paris e que faz sempre efeito nas mulheres por ser especial e novo, pelas maneiras, pela alegria afectada, pelo exterior. Tinha uma maneira fragmentada de falar de tudo, por insinuações, como se nós já soubéssemos tudo aquilo e pudéssemos preencher as lacunas.

«Foi este homem, com a sua música, a causa de tudo. Em tribunal, o caso foi apresentado como se tudo tivesse acontecido por ciúmes. Nada disso, ou seja, não foi bem assim, é e não é verdade. Em tribunal foi deliberado que eu era um marido enganado e que matara em defesa da minha honra profanada (é assim que eles lhe chamam). E foi por isso que me ilibaram. Tentei esclarecer em tribunal a essência da questão, mas eles entenderam isso como uma tentativa de eu reabilitar a honra da minha mulher.

«As suas relações com esse músico, fossem elas quais fossem, não fazem qualquer sentido para mim, e para ela também não faziam. O que tem sentido é o que acabei de lhe contar, isto é, a minha vida porca. Tudo aconteceu porque se cavara entre nós aquele abismo terrível de que lhe falei, aquela terrível tensão do ódio mútuo em que o mínimo

pretexto era suficiente para provocar uma crise. As nossas discussões, nos últimos tempos, tornaram-se assustadoras e impressionavam sobremaneira porque eram seguidas de paixões também tensas e animalescas.

«Se ele não aparecesse, apareceria outro qualquer. Se não houvesse ciúmes, surgiria outro pretexto qualquer. Reitero a minha afirmação de que todos os maridos que vivam como eu vivia se metem na depravação, ou se divorciam, ou se suicidam ou matam as mulheres, como eu fiz. Se não acontecer uma destas coisas a alguém, é um caso realmente excepcional. Eu, antes daquele desfecho, tinha estado várias vezes à beira do suicídio; e ela também tentou envenenar-se.»

20

— Foi assim, pouco antes daquilo acontecer.

«Aparentemente, vivíamos numa trégua e não havia razões para a violarmos; de repente, começou uma conversa sobre um cão que, numa exposição, recebera uma medalha (isso disse eu). "Não, não foi uma medalha, foi apenas um louvor", diz ela. E assim começa a discussão. Salta-se de um assunto para outro, começam as acusações: "Já se sabe, é sempre assim: disseste..." — "Não, nunca disse uma coisa dessas." — "Estás a chamar-me mentirosa!..." Sinto que não ia tardar a rebentar uma daquelas disputas terríveis em que me apetecia matar-me ou matá-la. Sei que não vai tardar e, como tenho um medo mortal disso, tento conter-me, mas a raiva domina todo o meu ser. E ela está na mesma situação, ou pior, porque interpreta ao contrário todas as minhas palavras, dá-lhes um falso sentido; cada palavra dela sai-lhe impregnada de veneno; alfineta-me nos pontos mais dolorosos. E tudo vai de mal a pior. Grito: "Cala-te!", ou qualquer coisa do género. Ela precipita-se para fora da sala, corre para o quarto das crianças. Tento detê-la para lhe dizer e provar-lhe a minha razão, agarro-a pelo braço. Ela finge que a magoo e grita: "Filhos, o vosso pai está a bater-me!" Grito: "Não mintas!" E ela: "Não é a primeira vez!", ou qualquer coisa do género. As crianças acorrem. Ela põe-se a acalmá-las. Digo: "Não faças teatro!" E ela: "Para ti é tudo teatro; és capaz de matar uma pessoa e dizer que ela está a fingir. Agora já te entendo. É isso que tu queres!" — "Oh, que bom

seria se esticasses o pernil!", grito eu. Lembro-me agora como essas minhas palavras me apavoraram. Não esperava dizer uma coisa tão medonha, tão grosseira, e espanta-me que pudesse ter-me saído da boca. Grito estas palavras terríveis e corro para o gabinete, sento-me e fumo. Oiço-a a ir na direcção do vestíbulo, para sair. Pergunto-lhe para onde vai, ela não responde. "Que vá prò diabo!", digo para mim, e volto para o gabinete, deito-me e fumo. Passam-me pela cabeça milhares de planos de vingança e de formas diferentes de me livrar dela, e também como remediar aquilo e fazer como se não se tivesse passado nada. Penso em tudo isso e fumo, fumo, fumo. Fugir dela, desaparecer, ir-me embora para a América. Chego a sonhar que me livrarei dela e como será maravilhoso, e como conhecerei outra mulher, magnífica, completamente nova. Livro-me dela porque ela morre, porque me divorcio, e imagino como o farei. Reparo que me confundo, que não penso no que é necessário e, para não atentar no que penso, fumo e fumo.

«Ora, a vida em casa continua. Entra a preceptora, pergunta: "Onde está a madame, quando volta?" O lacaio pergunta se tem de servir o chá. Entro na sala de jantar; as crianças, sobretudo Lisa, a mais velha e que já compreende, olham para mim interrogativamente e com antipatia. Tomamos chá em silêncio. Ela nunca mais volta. Passa a tarde, ela não volta, e alternam-se dois sentimentos na minha alma: a raiva, porque ela nos tortura com a sua ausência, a mim e às crianças, uma ausência que acabará por não ser nada porque ela vai regressar; e o medo de ela não voltar, de fazer alguma asneira consigo. Iria buscá-la. Mas onde? A casa da irmã? Era estúpido ir lá perguntar. Que faça o que quiser, pensei; se quer fazer-me sofrer, que sofra também. Porque é isso que ela espera. E da próxima vez será ainda pior. Mas se não estiver em casa da irmã, estará a fazer, ou já fez, alguma asneira consigo?... Onze da noite, meia-noite, uma... Não vou para o quarto dormir, é estupidez deitar-me lá sozinho à espera, e também não me deito no gabinete. Quero distrair-me com alguma coisa, escrever cartas, ler; não sou capaz. Estou sozinho no gabinete, sofro,

enraiveço-me e escuto. Três horas da manhã, quatro horas, nada. Ao amanhecer, adormeço. Acordo, ela não está.

«Tudo em casa corre como sempre, mas toda a gente está perplexa e olha para mim com ar de censura, supondo que sou eu a causa de tudo. Dentro de mim, continua a travar-se a mesma luta: raiva por ela me atormentar, e preocupação por ela.

«Por volta das onze da manhã chegam notícias, é a irmã. E começa o habitual: "Ela ficou num estado terrível. O que se passou?" — "Não se passou nada." Falo do seu feitio insuportável e digo que não lhe fiz mal nenhum.

«"Mas isso não pode ficar assim", diz a irmã. "É com ela, não é comigo — respondo-lhe. — Não darei o primeiro passo. Se ela quiser a separação, tudo bem."»

«A cunhada vai-se embora sem ter resolvido nada. Tive a ousadia de lhe dizer que não dava o primeiro passo, mas quando ela se foi embora, eu saí do gabinete e olhei para os pobres dos meus filhos assustados, já estava pronto a dar o primeiro passo. Gostava de o fazer, mas não sabia como. Pus-me de novo a palmilhar a casa, a fumar, a beber; ao almoço foi vinho e vodca e, inconscientemente, consigo o que desejo: não ver a estupidez e a ignomínia da minha situação.

«Ela volta pelas três da tarde. Vê-me e não diz nada. Como parece resignada, começo a falar com ela, dizendo que fui provocado pelas suas acusações. Ela, com o mesmo rosto severo e terrivelmente extenuado, diz que não vinha para esclarecimentos mas para levar os filhos, que não podíamos continuar a viver juntos. Começo por lhe dizer que a culpa não era minha, que ela me fizera perder as estribeiras. Ela olha para mim com um rigor solene e diz: "Não fales mais, vais arrepender-te."

«Digo-lhe que não gosto de comédias. Ela grita então qualquer coisa que não chego a perceber e foge para o seu quarto. Depois ouço o trincolejar da fechadura: fechou a porta à chave. Bato à porta, não responde. Raivoso, vou-me embora. Meia hora depois vem a Lisa ter comigo, desfeita em lágrimas.

«— O quê? O que aconteceu?

«— Não se ouve a mamã.

«Vamos para lá. Puxo a porta com toda a força, a porta cede porque a tranqueta está mal corrida. Aproximo-me da cama. Ela está de saias, calçada, deitada numa posição pouco natural, sem sentidos. Na mesa está um frasco vazio de ópio. Fazemo-la recobrar os sentidos. Mais lágrimas e, por fim, a reconciliação. Não é bem uma reconciliação: dentro de ambos continua a mesma velha raiva, agravada pela dor que a discussão causara e em que cada um de nós incriminava o outro. Mas, como é preciso resolver a discussão de alguma maneira, a vida continua como dantes. Discussões como esta, e piores, aconteciam constantemente, semanais, mensais, diárias. E sempre a mesma coisa. Uma vez cheguei a tirar o passaporte, com a firme intenção de viajar para o estrangeiro (havia dois dias que o conflito durava), mas houve um meio esclarecimento, uma meia reconciliação, e fiquei em casa.»

21

— Eram essas as nossas relações quando apareceu aquele homem. Chegou a Moscovo... chamava-se Trukhatchévski... e foi visitar-me. Recebi-o. Outrora, tratávamo-nos por tu. Ele, com frases neutras, tentou manter o «tu», mas eu estabeleci decididamente o tom em «você», e ele obedeceu de imediato. Mal olhei para ele, não gostei. Mas, coisa estranha: uma força incompreensível, fatal, impelia-me a não o rejeitar, a não o afastar, pelo contrário, a aproximá-lo de nós. É que, para mim, nada seria mais fácil do que falar com ele friamente e despedi-lo sem o apresentar à minha mulher. Mas não, pus-me a falar da sua música, dizendo-lhe que ouvira dizer que ele abandonara o violino. Ele disse que não, pelo contrário, tocava mais do que nunca. Recordou que eu, em tempos, também tocava. Eu disse-lhe que já não, mas que a minha mulher era boa executante.

«Coisa espantosa! As sensações que ele me provocou no primeiro dia, na primeira hora do nosso encontro eram já como só poderiam ser depois do que aconteceu. Houve logo uma qualquer tensão na minha atitude para com ele: fixava cada palavra que ele me dizia e que eu lhe dizia, e atribuía-lhes grande importância.

«Apresentei-o à minha mulher. A conversa mudou logo para o tema da música, tendo ele oferecido os seus préstimos para tocar com ela. A mulher, como sempre nos últimos tempos, estava muito elegante, sedutora, de uma beleza inquietante. Sem dúvida que gostou dele à primeira vista.

Além disso, deve ter-lhe agradado a possibilidade e o prazer de acompanhar o seu violino ao piano, coisa de que gostava muito e a levara, já antes, a contratar um violinista do teatro. Vi logo esse prazer a iluminar-lhe a cara mas, ao olhar para mim e percebendo o meu sentimento, mudou de expressão, e todos nos lançámos no jogo da aldrabice mútua. Eu sorria com afabilidade, fingindo-me agradado. Ele, olhando para a minha mulher como olham todos os devassos em frente de uma mulher bonita, fingia que lhe interessava apenas o tema da conversa, a matéria que, precisamente, não lhe interessava nada. Ela tentava parecer indiferente, mas o meu sorriso falso de homem ciumento, tão familiar para ela, e o olhar lascivo do visitante certamente a excitavam. Vi logo, nesse primeiro encontro, que os olhos dela tinham um brilho especial e, pelos vistos com a ajuda do meu ciúme, estabeleceu-se logo entre eles uma espécie de corrente eléctrica que lhes tornava idênticos os olhares, os sorrisos, as expressões. Falámos de música, de Paris, de ninharias. Ele levantou-se para se despedir e, com o chapéu encostado à coxa fremente, sorrindo, ficou a olhar ora para ela, ora para mim, como que à espera do que faríamos a seguir. Lembro-me precisamente desse momento porque, nesse momento, eu poderia não o ter convidado, e então não aconteceria nada. Mas olhei para ele, olhei para ela. "Não penses que tenho ciúmes", disse mentalmente à minha mulher. "Ou que tenho medo de ti", disse mentalmente para ele e convidei-o a, numa noite dessas, trazer o violino para tocar com a minha mulher. Ela olhou-me com espanto, corou e, como que assustada, começou a recusar-se, alegando que não tocava suficientemente bem. Esta recusa irritou-me ainda mais, e insisti. Lembro-me da estranha sensação com que olhava para a nuca do homem, para o pescoço branco a contrastar com o cabelo preto de risca ao meio, quando ele, no seu andar saltitante de pássaro, saía de nossa casa. Não deixava de confessar a mim próprio que a presença daquele homem me atormentava. Depende de mim, pensava eu, fazer com que nunca mais o veja. Mas, se o fizesse, reconhecia que lhe tinha medo. Não, não lhe tenho medo! Seria humilhante

demais, dizia para mim. Então, já no vestíbulo, sabendo que a mulher estava a ouvir, insisti e convenci-o a aparecer, nessa mesma noite, com o violino. Ele prometeu e saiu.

«À noite apareceu com o violino, e os dois tocaram. Mas demoraram muito a afinar a execução porque não havia as pautas convenientes, as que havia eram muito difíceis para a minha mulher sem estudo prévio. Eu gostava muito de música e ajudava, arranjei uma estante para ele, virava-lhe as páginas. Lá conseguiram então tocar umas peças, umas canções, uma pequena sonata de Mozart. Ele era excelente, dotado daquilo a que se chama o tom. Além disso tinha um gosto fino, nobre, nada em consonância com o seu carácter.

«Era um músico obviamente muito mais forte do que a minha mulher e ajudava-a, ao mesmo tempo que, delicadamente, gabava a execução dela. Estava a portar-se muito bem. A minha mulher parecia interessada apenas na música e estava muito simples, muito natural. Quanto a mim, embora me fingisse interessado na música, sofri de ciúmes durante todo o serão.

«Desde o primeiro instante em que os olhos dele e dela se cruzaram, vi que o animal que havia em ambos, contornando todos os convencionalismos da sociedade, perguntou: "posso?", e respondeu: "oh, sim, à vontade". Eu via que ele não esperara encontrar na pessoa da minha esposa, uma senhora de Moscovo, uma mulher tão atraente, e isso agradou-lhe muito. Porque nem por um instante ele duvidava que ela lhe dera o seu consentimento. O único problema era que o insuportável marido fosse um empecilho. Se eu fosse um homem casto, nem sequer toparia aquilo tudo, mas como, enquanto solteiro, adquirira a mesma opinião sobre as mulheres que a maioria dos homens tem, lia com muita nitidez na alma dele. O que mais me doía era ver que, sem sombra de dúvida, o único sentimento dela para comigo era aquela irritação permanente, interrompida apenas, de vez quando, pelo hábito da sensualidade; mas aquele homem, pela sua elegância e novidade, e sobretudo pelo seu grande e incontestável talento musical, pela aproximação íntima ao tocarem juntos, pela influência que a música exer-

ce nas naturezas sensíveis, sobretudo o violino, enfim, aquele homem tinha tudo, não diria para despertar o amor dela, mas para a vencer, sem a mínima hesitação, para a esmagar, para a torcer como uma corda, para fazer dela tudo o que lhe apetecesse. Eu não deixava de ver isso e sofria pavorosamente. Apesar disso, ou talvez em consequência disso, havia uma força qualquer, alheia à minha vontade, que me levava não só a ser educado mas até carinhoso com ele. Não sei se agia assim com os olhos na minha mulher, ou com os olhos nele, ou com os olhos em mim próprio, para me enganar, mas, desde o princípio não conseguia lidar com ele simples e frontalmente. Para não ceder ao desejo de o matar imediatamente, tinha de ser carinhoso com ele. Ao jantar servi-lhe vinho caro, falei com admiração da sua música, sorri-lhe com especial brandura e convidei-o para o almoço do domingo seguinte e para que tocasse mais uma vez com a minha mulher. Disse-lhe que convidaria pessoas amantes da música para o ouvirem. E assim foi.»

Pózdnichev, muito emocionado, mudou de posição e emitiu os seus barulhinhos peculiares.

— O efeito que aquele homem me causava era estranho — recomeçou Pózdnichev, fazendo um visível esforço para se acalmar. — Dois ou três dias depois disso, volto eu para casa de uma exposição, entro no vestíbulo e, de repente, sinto algo pesado como uma pedra a oprimir-me o coração, mas sem descortinar a causa daquilo. Pois «aquilo» consistia em que, ao atravessar o vestíbulo, reparara em qualquer coisa que mo lembrava. Chegado ao gabinete, percebi o que era e voltei ao vestíbulo para verificar. Sim, não me enganara, era o seu capote. Um daqueles capotes na moda. (Eu fixava tudo o que lhe dizia respeito com uma atenção especial, mesmo que não me desse conta disso.) Perguntei; era verdade, ele estava lá em casa. Sigo na direcção do salão, não pela sala de estar mas pela sala de aulas. Lisa, a minha filha, está sentada à mesa com um livro; a ama-seca, com a mais pequena, faz rodopiar em cima da mesa uma tampa qualquer. A porta do salão está fechada e ouço que soam lá dentro um *arpeggio* regular e as vozes dele e dela. Escuto

mas não consigo perceber o que dizem. Provavelmente, precisam do som do piano para lhes abafar as palavras, ou talvez os beijos. Meu Deus! O que se agitou dentro da minha alma! Fico horrorizado quando recordo a fera que naquele tempo me habitava. De repente senti um aperto no coração, como se parasse, depois recomeçou a bater como um martelo. O meu sentimento principal, como acontece sempre em estado de raiva, era a pena de mim. "Na presença dos filhos, da ama!", pensava eu. Talvez eu estivesse com uma cara assustadora, porque Lisa também olhava para mim com estranheza. "O que vou fazer?", interrogava-me. "Entro? Não posso, só Deus sabe o que faria..." Mas também não podia ir-me embora dali. A ama-seca olhava para mim como se compreendesse a minha situação. "Não posso deixar de entrar", disse para mim e abri rapidamente a porta. Ele estava ao piano, fazia esses arpejos com os seus dedos brancos, compridos, encurvados para cima. Ela estava de pé num extremo do piano, com as pautas abertas. Foi ela a primeira a ver-me, ou a ouvir-me, e olhou para mim. Não sei se se assustou, se fingiu que não, se não se assustou realmente, o certo foi que não estremeceu, não se mexeu, apenas corou, e mesmo assim mais tarde.

«— Ainda bem que vieste; nós ainda não decidimos o que vamos tocar no domingo — disse ela num tom que, se estivéssemos a sós, nunca utilizaria. Aquele tom, aquele *nós* para se referir a ele e a ela, indignaram-me. Cumprimentei-o em silêncio.

«Ele apertou-me a mão e logo a seguir, com um sorriso que me pareceu zombador, pôs-se a explicar-me que trouxera pautas para ensaiar a execução de domingo, e que eles não chegavam a acordo sobre a peça que iriam tocar: uma mais difícil e clássica, nomeadamente uma sonata de Beethoven, ou algumas peças pequenas. Era tudo tão natural e simples que eu não podia agarrar-me a nada, embora tivesse a certeza de que aquilo era tudo mentira, que eles combinavam a maneira de me enganar.

«Uma das coisas mais torturantes para os homens ciumentos (ora, na nossa vida social, todos os homens são

ciumentos) são determinados convencionalismos mundanos que admitem uma grande e perigosa proximidade entre o homem e a mulher. Seremos objecto de gozo se tentarmos impedir uma tal proximidade nos bailes, ou entre o médico e a paciente, ou em sessões de arte, de pintura e, sobretudo, de música. Duas pessoas dedicam-se à mais nobre das artes, a música; é uma ocupação que exige uma certa intimidade, sem nada de censurável, e apenas um marido estúpido e ciumento pode ver nisso alguma coisa indesejável. No entanto, toda a gente sabe que é precisamente nesses convívios, sobretudo os da música, que acontece a maioria dos adultérios na nossa sociedade. Eu, pelos vistos, embaracei-os com o embaraço que se notava na minha cara: durante muito tempo não consegui dizer palavra. Estava ali como uma garrafa virada de gargalo para baixo donde não sai a água porque está cheia demais. Tinha vontade de o insultar, de o expulsar, mas, uma vez mais, sentia que tinha de ser delicado e carinhoso para com ele. E fui. Fingi que estava de acordo com tudo e, movido de novo por aquele sentimento estranho que me obrigava a ser tanto mais delicado quanto mais dolorosa era para mim a sua presença, disse-lhe que confiava no gosto dele e que recomendava à minha mulher o mesmo que ele recomendasse. Demorou-se ainda lá em casa o tempo necessário para apagar a impressão desagradável do momento em que eu entrara ali calado e de cara assustada, e foi-se embora, fingindo que, finalmente, haviam decidido o que iriam tocar no domingo seguinte. Ora bem, eu tinha a certeza absoluta de que, em comparação com o que realmente os preocupava, a questão do que iriam tocar lhes era de todo indiferente.

«Acompanhei-o ao vestíbulo com particular cortesia (como é possível tratar de outro modo um indivíduo que apenas vem violar o sossego e destruir a felicidade de uma família inteira?). Apertei-lhe calorosamente a mão branca e macia.»

22

— Durante todo aquele dia não falei com ela, não fui capaz. A sua proximidade provocava-me tanto ódio que tinha medo de mim. Ao almoço, na presença das crianças, ela perguntou-me para quando planeava a minha viagem. É que, na semana seguinte, eu teria de viajar para um centro distrital em comissão de serviço. Respondi-lhe. Perguntou se eu precisava de alguma coisa para a viagem. Não respondi e continuei à mesa calado, depois saí para o gabinete, também calado. Ela, ultimamente, nunca entrava no meu gabinete, sobretudo a essas horas. Pois bem, estou eu no gabinete, deitado, a remoer a raiva. De repente ouço passos familiares. E passa-me pela cabeça a ideia pavorosa, monstruosa, de que ela, como a mulher de Urias, queria ocultar o pecado já cometido e por isso ia ter comigo a essa hora insólita. «Será que ela vem ter comigo?», pensava eu ao ouvir os seus passos que se aproximavam. «Se vier, significa que tenho razão.» E agita-se na minha alma um ódio insuportável. Os passos estão mais próximos, cada vez mais próximos. Será que não passa ao lado da porta, não vai para o salão? Não passou, a porta rangeu, e já a sua figura alta e bela está à entrada da porta, o seu rosto e o seu olhar exprimem uma timidez e uma adulação que ela quer esconder mas que eu vejo e de que sei o significado. Retive a respiração por tanto tempo que por pouco não sufoquei, e, sempre com os olhos postos nela, peguei na cigarreira, tirei um cigarro e acendi-o.

«— O que é isso, só quero ficar um bocadinho ao pé de ti e tu começas logo a fumar. — E sentou-se no divã, encostada a mim.

«Afastei-me para não lhe tocar.

«— Vejo que não te agrada muito que eu vá tocar no domingo — disse ela.

«— Nada disso — respondi.

«— Achas que não vejo?

«— Muito bem, já que vês, então parabéns. Quanto a mim, não vejo nada a não ser que te portas como uma *cocotte*...

«— Está bem, se queres praguejar como um cocheiro, então eu saio.

«— Vai, mas fica sabendo que, se a honra da família não tem valor para ti, vai prò raio que te parta, para mim és tu que não tens valor mas sim a honra da família.

«— Mas o quê, o que foi?

«— Sai daqui, por amor de Deus, sai!

«Não sei se ela fingiu não compreender ou se não compreendeu mesmo, o facto foi que se ofendeu e se zangou. Levantou-se, mas não foi para sair. Ficou especada no meio do quarto.

«— Ficaste mesmo insuportável — disse ela. — Com esse feitio, nem um anjo conseguiria conviver contigo. — E, tentando alfinetar-me o mais dolorosamente possível, como sempre, lembrou o meu incidente com a minha irmã (foi quando eu, fora de mim, disse grosserias à minha irmã; a mulher sabia que isso me doía, e era nesse ponto que atacava). — Depois disso, nada mais me surpreende em ti — disse ela.

«"Pois é, insultar, humilhar, cobrir de vergonha e fazer de mim o culpado", disse de mim para mim, e de repente fui acometido por uma raiva como nunca dantes experimentara.

«Pela primeira vez, quis exprimir fisicamente essa raiva. Saltei do lugar e avancei contra ela; embora tomasse consciência da minha fúria no próprio momento em que me levantava e hesitasse em entregar-me a ela ou não, decidi que

sim, que era bom, que isso a assustaria, e então, ao invés de resistir, pus-me a atiçar ainda mais aquela fúria, contente por ela crescer dentro de mim.

«— Daqui para fora, ou mato-te! — gritei, aproximando-me dela e agarrando-lhe no braço. Eu alteava conscientemente a minha voz furiosa. E devia estar mesmo assustador porque ela se intimidou tanto que ficou sem forças para sair, repetindo apenas:

«— Vássia, o que se passa?

«— Vai-te embora! — rugi ainda mais alto. — Só tu me podias pôr neste estado. Não respondo por mim!

«Dava largas à minha fúria e deliciava-me com ela, apetecia-me fazer mais alguma coisa que mostrasse toda a enormidade daquela fúria. Queria muito bater-lhe, matá-la, mas sabia que não, que não podia ir tão longe, e então, para libertar de alguma maneira aquela raiva, agarrei no pesa-papéis que estava em cima da mesa e voltando a gritar "vai-te embora!", arremessei-o para o chão ao lado dela. Diga-se que apontei muito bem para o lado dela. Então saiu, mas parou à porta. E enquanto ela ainda estava a ver, apressei-me a apanhar coisas da mesa (castiçais, o tinteiro) e a arremessá-las ao chão e a gritar:

«— Sai! Fora! Não respondo por mim!

«Ela saiu, e eu parei de imediato.

«Uma hora depois entrou a ama-seca e informou que a minha mulher estava com um ataque de histeria. Fui lá: soluçava, ria, não conseguia falar, tremia toda. Não fazia teatro, estava mal.

«Pela manhã acalmou-se e, sob a influência daquele sentimento a que chamávamos amor, fizemos as pazes.

«Depois da reconciliação, quando lhe confessei nessa manhã que tinha ciúmes do Trukhatchévski, ela não se embaraçou minimamente e até se riu de modo natural. Só a mera possibilidade de se apaixonar por um homem daqueles, dizia ela, lhe parecia já muito estranha.

«— Será possível alguma mulher decente sentir alguma coisa por aquele homem além do prazer da música? — disse ela. — Se quiseres nunca mais o vejo. Mesmo no domingo,

apesar de termos convidado toda a gente. Escreve-lhe a dizer que estou adoentada, e acabou-se. O mais desagradável, porém, é alguém pensar, sobretudo o próprio, que ele é um homem perigoso. Ora, eu sou demasiado orgulhosa para permitir que pensem isso.

«Repare que ela não mentia, acreditava no que estava a dizer; tinha a esperança de provocar em si mesma, com essas palavras, o desprezo que queria ter por ele e, assim, se defender dele; mas não conseguiu. Estava tudo contra ela, sobretudo a maldita música. Assim terminou o episódio e, no domingo seguinte, reuniram-se os convidados e eles voltaram a tocar juntos.»

23

— Acho que não é demais dizer que eu era muito vaidoso: se não formos vaidosos na nossa vida habitual, nada resta dessa vida. Por isso, no tal domingo, tratei com prazer da organização do almoço e do sarau musical. Eu próprio adquiri tudo para o almoço e convidei as pessoas.

«Por volta das seis da tarde chegaram os convidados, e ele também, de casaca e botões de punho de mau gosto, de diamantes. Respondia a todas as perguntas com um desembaraço apressado e um sorrisinho de anuência e compreensão, como a querer significar que tudo o que nós dizíamos e fazíamos era precisamente o que ele esperava. Nesse dia, eu reparava em tudo o que nele havia de indecente com um prazer especial porque tudo isso me deveria acalmar e comprovar que, para a minha mulher, ele se situava num degrau muito baixo onde ela não poderia descer. Eu já não me permitia estar ciumento. Primeiro porque já sofrera tanto desse tormento que precisava de descansar; segundo porque queria acreditar nas afirmações da minha mulher, e acreditava. Porém, embora já não sentisse os ciúmes durante o almoço até ao início do sarau, quando começou a música eu continuava a ser pouco natural com ele e com ela. Ainda vigiava os movimentos e os olhares de ambos.

«O almoço foi como outro qualquer, enfadonho, cheio de convencionalismos. A música começou bastante cedo. Ah, como eu me lembro tão bem de todos os pormenores do sarau; parece que estou a vê-lo a pegar no estojo, a abri-lo,

a tirar uma colchinha bordada por uma senhora qualquer, a extrair o violino e a começar a afiná-lo. Vejo a minha mulher a sentar-se ao piano com um ar de fingida indiferença a encobrir, eu bem via, uma grande timidez (a timidez que o medo da sua inépcia, sobretudo, lhe provocava); portanto, sentou-se com ar fingido, começaram os habituais lás no piano, o *pizzicato* do violino, a instalação da pauta. Depois olharam um para o outro, olharam para as pessoas que se sentavam, trocaram umas palavras, e começou. Ela deu o primeiro acorde. A cara dele ficou séria à escuta, rigorosa, simpática, e depois, com o arco nos dedos cuidadosos, tocou nas cordas e respondeu ao piano. E começou...»

Pózdnichev parou, depois emitiu várias vezes o seu barulhinho habitual. Queria continuar, mas fungou e voltou a parar.

— Estavam a tocar a Sonata de Kreutzer, de Beethoven. Conhece o primeiro presto? Conhece? — exclamou. — Ooh!... Esta sonata é uma coisa terrível. Precisamente esta parte. E a música em geral. O que é isso? Não compreendo. O que é a música? O que é que ela nos faz? E por que é que faz o que faz? Dizem que a música provoca um efeito sublime na alma... Mentira, absurdo! Provoca um efeito, um efeito terrível (estou a falar de mim), mas não sublime. Não age na alma de modo sublime nem humilhante, mas de modo excitante. Como lhe hei-de explicar? A música faz-me esquecer de mim próprio, da minha verdadeira situação, transporta-me para outro espaço qualquer que não é o meu: a música parece que me faz sentir o que na verdade não sinto, que me faz compreender o que não compreendo, parece que, com a música, posso fazer o que na verdade não posso. Explico-o assim: o efeito da música é como o do bocejo ou do riso; não tenho sono mas bocejo quando olho para alguém a bocejar; não tenho motivos de riso mas rio quando ouço alguém a rir-se.

«A música transfere-me de imediato para o estado de espírito do músico quando a compôs. Fundo-me na alma dele e, juntamente com ele, transporto-me de um estado para o outro, mas não sei por que o faço. O homem que

compôs, digamos, esta Sonata de Kreutzer, Beethoven, sabia o porquê desse seu estado, um estado que o levou a praticar determinados actos, logo um estado que tinha sentido para ele mas que, para mim, não tem qualquer sentido. Por isso, a música apenas excita, mas não determina. Bom, se tocam uma marcha militar, os soldados marcham, a música aqui determina alguma coisa; se tocam uma dança, dançamos, e tudo está definido; cantam uma missa, comungamos, também está definido. Mas aqui apenas há a excitação, e não se torna claro o que devemos fazer neste estado de excitação. Por isso a música é tão assustadora, por isso causa tantas vezes um efeito pavoroso. Na China, a música é uma prerrogativa do Estado. E tem de ser assim. Pode admitir-se que alguém hipnotize quem lhe apeteça, uma ou muitas pessoas, e depois faça com elas o que quiser? Sendo o hipnotizador, ocasionalmente, um homem imoral?

«Pois bem, este meio terrível cai nas mãos de qualquer um. Por exemplo, esta Sonata de Kreutzer, o primeiro presto. Será admissível tocar este presto num salão, no meio de senhoras decotadas? Ouvem, depois batem palmas, depois comem gelados e falam de um novo boato qualquer. Estas coisas apenas devem ser tocadas em circunstâncias importantes, significativas e quando é necessário realizar determinadas acções importantes que correspondam a esta música. Ouvir e fazer precisamente o que a música sugeriu. De outro modo solta-se uma energia e um sentimento que não correspondem ao lugar nem ao momento, e não se manifestam, o que não deixa de ser nocivo. A mim, pelo menos, esta peça influenciou-me terrivelmente; parecia que se me revelavam sentimentos e possibilidades absolutamente novos, desconhecidos para mim até àquele momento. Parecia que a minha alma me falava: isto é assim, não é como pensaste e como viveste antes. Não sabia que coisa nova me era dada a conhecer, mas a consciência do novo estado era muito feliz. As mesmas pessoas, incluindo ele e ela, eram-me reveladas a uma luz muito diferente.

«Depois do presto tocaram o andante, excelente mas banal, nada de novo, com variações vulgares, e o final, en-

tão, foi mesmo fraco. Depois, a pedido dos convidados, tocaram ainda uma elegia de Ernst e algumas outras pequenas peças. Tudo muito belo, sim, mas não me produziu sequer a centésima parte daquela primeira impressão. Tudo o que ia acontecendo na música já vinha ofuscado por aquela primeira impressão. Senti-me leve e alegre durante todo o serão. Quanto à minha mulher, nunca antes a vira como naquela noite: os olhos brilhantes, a expressão rigorosa e significativa enquanto tocava e, quando acabou, o ar terno, o sorriso fraco, humilde e deliciado. Eu via tudo isso mas não lhe atribuía outro sentido senão o de que ela experimentava as mesmas sensações que eu, de que também para ela se revelavam, como que surgidos das névoas da memória, sentimentos novos nunca antes experimentados. O serão acabou da melhor maneira, todos os convidados partiram.

«Sabendo que, dois dias depois, eu deveria fazer a minha viagem para o distrito, Trukhatchévski disse-me à despedida que, na sua próxima visita à Rússia, tinha a esperança de repetir o prazer daquele sarau. Concluí das palavras dele que não achava possível visitar a minha casa na minha ausência, o que me agradou. Como eu não regressaria antes da sua partida, não nos veríamos mais.

«Foi a primeira vez que lhe apertei a mão com verdadeiro prazer e lhe agradeci. Também se despediu definitivamente da minha mulher. E a despedida deles pareceu-me perfeitamente natural e decorosa. Era tudo maravilhoso. Ambos, eu e a minha mulher, estávamos contentíssimos com o nosso serão.»

24

— Dois dias depois parti para o distrito, depois de me ter despedido da mulher no mais calmo e aprazível estado de ânimo. Tinha muito trabalho a fazer no distrito, aliás, ali havia sempre muitíssimo que fazer, e era uma vida diferente, um mundo especial. Já ia no segundo dia passado no serviço, dez horas seguidas de cada vez. Foi lá que, ao terceiro dia, me entregaram uma carta da minha mulher. Li-a imediatamente. Falava das crianças, do tio, da ama-seca, das compras, e de passagem, como se fosse a coisa mais natural deste mundo, escrevia que Trukhatchévski passara lá por casa para lhe entregar umas pautas que lhe prometera e se oferecera para tocar com ela, mas ela recusara. Para já, não me lembrava de ele lhe ter prometido quaisquer pautas: pareceu-me, pelo contrário, que daquela vez ele se despedira de vez; por isso, esta última notícia impressionou-me desagradavelmente. Mas eu estava com tanto trabalho que nem sequer tinha tempo para pensar, e só à noite, quando voltei ao meu alojamento, reli a carta. Além do facto de Trukhatchévski ter ido a minha casa mais uma vez, na minha ausência, o tom da carta soava-me a forçado. A fera raivosa do ciúme rugiu na sua jaula, pronta a saltar para fora, mas eu tinha tanto medo desta fera que a fechei rapidamente. «Ah, o ciúme, que abominável sentimento! — dizia para mim. — O que pode haver de mais natural do que esta carta?»

«Deitei-me na cama a pensar nos assuntos de que teria de tratar no dia seguinte. Quando ia em comissão de serviço,

custava-me sempre a adormecer nas camas estranhas, mas dessa vez adormeci rapidamente. Mas, sabe como é, de repente parece que nos dá um choque eléctrico e acordamos. Acordei, e acordei a pensar nela, no meu amor físico por ela, e em Trukhatchévski, e no facto de que entre ele e ela estava tudo decidido. O terror e a raiva apertavam-me o coração. Mas tentei chamar-me à razão. "Que disparate — dizia para mim —, não há razões nenhumas, nunca houve nada, não há nada. Como posso humilhar-me e humilhá-la desta maneira, desconfiar desses horrores? Uma espécie de violinista contratado, conhecido como homenzinho medíocre, e de repente uma mulher séria, uma respeitável mãe de família, a *minha* mulher! Mas que absurdo!" Era assim que as coisas se me apresentavam de um lado. Do outro: "Como era possível não acontecer? Como era possível não acontecer uma das coisas mais simples e compreensíveis quando se trata da razão por que casei com ela, a razão pela qual vivia com ela, a única coisa de que precisava nela, e de que os outros também precisam, incluindo este músico? É um homem solteiro, saudável (lembro-me de como ela trincava a rilha da sua costeleta entre os dentes e da avidez com que os seus lábios apanhavam o copo de vinho), é um homem farto, satisfeito e sem regras, ou antes, tem a regra de se aproveitar dos prazeres que lhe vêm à mão. E há entre eles o vínculo da música, a mais esmerada volúpia dos sentimentos. O que o pode conter? Nada. Pelo contrário, tudo o atrai. E ela? Mas quem é ela? Como antes, continua a ser um enigma para mim. Conheço-a apenas como animal. Ora, nada pode nem deve conter um animal."

«Só naquele momento revi as caras deles na noite em que, depois da Sonata de Kreutzer, eles tocaram uma peça excitada, não me lembro de que autor, uma peça indecentemente voluptuosa. "Como foi que me vim embora? — dizia para comigo recordando os seus rostos. — Então não era claro que tudo tinha sido decidido entre eles naquela noite? Então não era já claro que, naquela noite, não só já não existia qualquer barreira entre eles como ambos, principalmente ela, sentiam certa vergonha do que já acontecera?" Lembro-me do sorriso dela, fraco, lamentoso e deliciado, e

como ela limpava o suor do rosto corado quando me aproximei do piano. Já naquele momento eles evitavam olhar um para o outro, e só durante o jantar, quando ele lhe servia a água, cruzaram os olhares e sorriram ligeiramente. Recordava aterrorizado aquele olhar e aquele sorriso quase despercebido que interceptei. "Sim, já está tudo feito", dizia-me uma voz, mas logo a seguir outra voz me dizia o contrário: "Estás obcecado, nada disso é possível". Tornou-se assustador para mim ficar deitado no escuro, acendi um fósforo e, naquele quartinho com papel de parede amarelo, fiquei tolhido pelo medo. Acendi um cigarro e, como acontece sempre que giramos no mesmo círculo de contradições irresolúveis e então fumamos, eu acendia um cigarro atrás do outro para enevoar a mente e não ver as contradições.

«Não dormi toda a noite e, às cinco da manhã, chegando à conclusão de que não poderia continuar mais tempo naquela tensão e deveria partir imediatamente, levantei-me, acordei o guarda que estava ao meu serviço e mandei-o buscar os cavalos. Mandei um bilhete para a comissão explicando que tinha sido chamado a Moscovo por motivo de um assunto extraordinário e pedindo para ser substituído por um membro do tribunal. Às oito, sentei-me na traquitana e parti.»

25

Entrou o revisor e, vendo que a nossa vela se extinguia, apagou-a e não pôs uma nova. Lá fora começava a amanhecer. Enquanto o revisor esteve na carruagem, Pózdnichev manteve-se calado, apenas suspirando gravemente. Só quando o revisor saiu, continuou com o seu relato. A carruagem estava mergulhada na semi-obscuridade e apenas se ouvia o ranger das janelas do comboio em marcha e o ressonar compassado do encarregado de comércio. Na meia-luz do amanhecer eu não via a cara dele, apenas ouvia a sua voz cada vez mais emocionada, sofredora.

— Tinha pela frente uma viagem de 35 verstás em traquitana e oito horas pelo caminho-de-ferro. A viagem de traquitana era maravilhosa. Era Outono, o sol forte e o ar gélido. É aquela altura do ano, sabe?, em que os espigões das rodas deixam marcas num caminho que parece oleoso. As estradas são lisas, a luz é clara, o ar é estimulante. Era bom rolar na traquitana. Quando amanheceu e partimos, senti-me aliviado. Olhando para os cavalos, os campos, os caminhantes na estrada, esquecia-me para onde ia. Por vezes parecia-me que estava simplesmente a viajar pelo prazer, que não houvera razão que me tivesse obrigado a meter-me ao caminho. E era muito agradável distrair-me assim. E, logo que me lembrava para onde ia, dizia-me: «Logo se vê, não penses nisso.» Além disso, a meio da viagem deu-se um acontecimento que me atrasou e me distraiu ainda mais: a traquitana avariou, era preciso repará-la. A avaria tinha a sua importância porque,

com o tempo perdido, não chegaria a Moscovo às cinco da tarde, como planeava, mas à meia-noite, e estaria em casa perto da uma, uma vez que tinha perdido o comboio-correio e tivera de tomar um tranvia. A procura de uma carroça, as reparações, o pagamento, o chá numa estalagem, a conversa com o guarda portão: tudo isso me distraiu ainda mais. Ao anoitecer já estava tudo pronto e pude seguir viagem de noite, o que era ainda melhor do que de dia. Era lua nova, havia algum frio seco, o caminho continuava excelente, os cavalos, um cocheiro divertido: tudo isso me deliciava e quase me fazia esquecer o que tinha à espera; era uma despedida das alegrias da vida. Mas aquela minha calma e a possibilidade de reprimir o que sentia acabaram quando acabou a viagem nos cavalos. Mal entrei no comboio, as coisas mudaram. Uma viagem de oito horas em comboio foi uma coisa terrível que não esquecerei o resto da vida. Fosse porque, mal me sentei na carruagem, me imaginei vivamente em casa, fosse porque o caminho-de-ferro causa excitação nervosa, o certo foi que, desde que me instalei na carruagem, não consegui domar a imaginação, e esta, sem parar e com uma extraordinária acuidade, começou a pintar-me diante dos olhos os cenários que atiçavam os meus ciúmes, cenário atrás de cenário, cada um mais cínico do que o anterior, e tudo sobre a mesma coisa, sobre o que estaria a acontecer lá em casa na minha ausência, sobre a traição dela. Eu, contemplando aqueles cenários e sabendo que era incapaz de me distrair deles, ardia de indignação, de raiva e de estranho deleite pela minha humilhação; não podia deixar de olhar nem de apagar aquelas cenas, nem deixar de as evocar. Mais ainda: quanto mais contemplava aquelas cenas imaginárias, mais acreditava na sua realidade. A nitidez com que me vinham à imaginação consolidava a ideia de que o imaginado era real. Era como se um diabo qualquer me sugerisse, contra a minha vontade, os mais terríveis raciocínios. Veio-me à cabeça uma antiga conversa com o irmão de Trukhatchévski, e foi quanto bastou para que essa conversa me rasgasse o coração porque eu, num impulso involuntário, a relacionei logo com Trukhatchévski e a minha mulher.

«A conversa acontecera havia muito, mas lembrei-me dela. O irmão de Trukhatchévski, quando lhe perguntei se frequentava prostíbulos, respondeu que um homem decente não devia frequentar sítios onde se podia apanhar uma doença, que eram locais nojentos, e que era sempre possível arranjar uma mulher decente. E pronto, lá estava, o irmão desse arranjou a minha mulher. "Para dizer a verdade, ela já não é muito jovem, falta-lhe um dente de lado e é um pouco flácida — pensava eu por ele —, mas paciência, é preciso aproveitar o que há." — "Sim, ele condescende em aceitá-la como amante — dizia para os meus botões. — Afinal, é segura." — "Não, é impossível, o que estou para aqui a inventar! — aterrorizava-me eu. — Não há nada, não há nada disso. Nem sequer há motivos para supor semelhantes coisas. Então não me disse que era humilhante para ela a própria ideia de eu poder ter ciúmes dele? Sim, disse, mas mentiu, mentiu completamente!" — exclamava eu... e tudo recomeçava... Na nossa carruagem iam apenas mais dois passageiros, uma velha com o marido, muito taciturnos, e até esses saíram num dos apeadeiros. Fiquei sozinho. Como um animal na jaula: ora saltava do lugar e me aproximava das janelas; ora, cambaleando, começava a andar, tentando acelerar a marcha do comboio; o comboio, porém, com todos os seus bancos e vidros, mantinha a mesma velocidade, estremecendo, como este agora...»

Pózdnichev saltou do lugar, deu uns passos, voltou a sentar-se.

— Oh, que medo, que medo eu tenho dos comboios, sou literalmente dominado pelo terror. Sim, é pavoroso! — continuou. — Dizia a mim próprio: «Vou pensar noutra coisa. Digamos, no estalajadeiro com quem tomei o chá.» Bom, então surge-me diante dos olhos da imaginação o guarda-portão de barba comprida e o seu neto, um rapazinho da mesma idade do meu Vássia. O meu Vássia! Vai ver o músico a beijar a mãe! O que se passará na sua pobre alma? Mas ela não se importa! Está apaixonada... E de novo fervia em mim a mesma coisa. Não, não... Bom, vou pensar na vistoria ao hospital. Sim, como um paciente se queixou ontem do

médico. O médico tem um bigode igual ao de Trukhatchévski. Com que descaramento ele... os dois me enganaram quando ele afirmou que se ia embora. Pronto, lá começou tudo outra vez... Tudo o que eu pensava se ia agarrar a ele. Sofria terrivelmente. E o sofrimento maior provinha do desconhecimento, das dúvidas, do pensamento ambíguo, da hesitação: devia amá-la ou odiá-la? O meu sofrimento era tão forte que, lembro-me, me passou pela cabeça uma ideia que muito me agradou: saltar do comboio, deitar-me nos carris e acabar com tudo. Então deixaria de ter dúvidas, hesitações. O único óbice era a pena de mim que se volvia no ódio por ela. A ele via-o com um sentimento estranho: um misto de ódio, de consciência da minha humilhação e da sua vitória; mas, por ela, apenas sentia um ódio muito grande. «Não posso suicidar-me e deixá-la viver; é preciso que ela sofra pelo menos um pouco, que compreenda ao menos o que eu sofri», dizia para mim. Saía em todas as estações para me distrair. Numa delas vi que as pessoas bebiam, e bebi vodca. A meu lado estava um judeu, também bebia. Meteu conversa, e eu, só para não ficar sozinho na minha carruagem, fui até à dele, de terceira classe, suja, fumarenta, cheia de cascas de girassol pelo chão. Sentei-me ao pé dele, que tagarelava muito, contava anedotas. Ouvia-o mas não percebia o que ele estava a dizer porque continuava a pensar nas minhas coisas. Ele reparou nisso e começou a exigir atenção. Então levantei-me e fui para a minha carruagem. «É preciso ponderar — dizia a mim próprio — se é verdade o que estou a pensar e se tenho razões para sofrer.» Sentei-me, querendo reflectir calmamente, mas em vez das calmas reflexões voltou o mesmo: cenas imaginárias no lugar de raciocínios. «Já sofri tantas vezes assim — dizia-me, recordando os antigos ataques de ciúmes —, e, afinal, nunca aconteceu nada. Agora vai ser o mesmo, de certeza, vou chegar e encontrá-la a dormir calmamente; acordará e ficará contente por me ver, e, pelas palavras, pelos olhares, vou perceber que não houve nada e que tudo isto é um disparate. Oh, que bom seria!» — «Não, já seriam vezes de mais, desta feita não vai ser assim», dizia-me uma voz, e tudo reco-

meçava. Pois, se há tortura, era aquela! Para fazer que um jovem perdesse a vontade de ter relações com as mulheres, não o levaria a um hospital onde tratam os sifilíticos, mas trá-lo-ia para dentro da minha alma, para que ele visse os demónios que a dilaceravam! O mais terrível era o facto de eu reconhecer os meus plenos e incontestáveis poderes sobre o corpo dela, como se fosse o meu, e ao mesmo tempo sentir que não podia ser proprietário daquele corpo, que não era meu e que ela podia dispor do seu corpo como entendesse; ora, ela entendia dispor dele de uma forma diferente da que eu desejava. E eu não podia fazer nada contra eles, ele e ela. Ele, como o condenado à forca da balada popular, cantará a canção do beijo na doce boca, etc., e sairá vencedor. Sobre ela tenho ainda menos poder. Se ela não fez nada mas quer fazer, e eu sei que ela quer, é ainda pior. Seria melhor que o fizesse, e que eu o soubesse, e que não houvesse dúvidas. Nem eu sabia já o que queria. Ansiava que ela não quisesse fazer o que, de certeza, queria. Era uma loucura completa!

26

— Na penúltima estação, quando chegou o revisor para recolher os bilhetes, peguei nas minhas bagagens e saí para o varandim da carruagem, e a consciência de que o desfecho estava próximo, de que já estava em cima dele, aumentou a minha comoção. Senti frio, os maxilares começaram-me a bater tanto que os dentes matraqueavam. Saí maquinalmente da estação, na enxurrada de passageiros, tomei um coche, sentei-me, fui. Ia observando os raros transeuntes e os guarda-portões, e as sombras que os lampiões e meu coche lançavam ora para a frente, ora para trás, e não pensava em nada. Ao fim de meia verstá tinha os pés gelados e lembrei-me que, no comboio, tirara as meias de lã e as pusera no saco. Onde estava o saco? Comigo? Sim, comigo. E o cesto? Lembrei-me então de que me esquecera das coisas na bagageira, peguei no recibo mas decidi que não valia a pena voltar.

«Por mais que me esforce agora, não consigo recordar o meu estado de espírito naqueles momentos: o que pensava? O que queria? Não sei nada. Lembro-me apenas de que tinha a consciência de que se estava a preparar na minha vida uma coisa terrível e muito importante. Foi por ter pensado assim que a tal coisa importante aconteceu, ou então a pressenti, não sei. Também é possível que, depois do que aconteceu, todos os momentos precedentes se tenham gravado na minha consciência em tons sombrios. Aproximei-me da entrada. Passava da meia-noite. Estavam parados à porta vários coches de praça, à espera de eventu-

ais passageiros, por causa das luzes nas janelas (eram as do nosso apartamento, da sala grande e da sala de estar). Sem atentar na razão por que havia ainda luz nas nossas janelas àquela hora tardia, sempre com aquele estado de espírito de que ia suceder algo de horrível, subi a escada e toquei à campainha. Egor, um lacaio bondoso, aplicado e muito estúpido, abriu-me a porta. A primeira coisa que me saltou à vista no vestíbulo, num cabide ao lado de outros casacos, foi o capote dele. Era razão para me surpreender muito, mas não surpreendi, como se já o esperasse. "Certo", disse para comigo. Quando perguntei a Egor quem estava lá em casa e ele me respondeu que era Trukhatchévski, perguntei ainda se estavam mais pessoas. Disse ele:

«— Não, mais ninguém.

«Lembro-me de que mo disse num tom de quem queria alegrar-me, dissipando-me as dúvidas de que houvesse mais alguém em casa. Pareceu-me que balbuciei: "Mais ninguém. Pois, pois."

«— E as crianças?

«— Estão bem, graças a Deus. Há muito que estão a dormir.

«Não conseguia respirar nem controlar os maxilares que tremiam. "Pois, portanto não é como eu pensava. Das outras vezes também previa desgraça, mas afinal estava tudo bem, como dantes. Mas agora não, agora é tudo como eu imaginava, mas real. Aí está tudo...

«Por pouco não desatei a chorar mas, logo, foi como se o Diabo me sugerisse: "Chora, chora, seu sentimental, e eles, entretanto, despedem-se calmamente e não haverá provas, e vais duvidar e sofrer toda a vida." E logo se desvaneceu a pena de mim e um estranho sentimento me invadiu — o senhor não vai acreditar —, um sentimento de alegria pelo desaparecimento da minha tortura, porque já poderia castigá-la, já poderia dar largas à minha raiva; tornei-me um animal, um animal maldoso e astuto.

«— Não, não vás — disse eu a Egor que queria ir à sala de estar —, toma antes um coche e vai à estação levantar a bagagem; está aqui o recibo. Vai.

«Egor meteu pelo corredor, para ir buscar o casaco. Com medo de os alertar, acompanhei-o até ao seu cubículo e esperei enquanto ele se agasalhava. Da sala de estar, através de outra porta, vinha um rumor e o barulho de facas e pratos. Estavam a cear e não tinham ouvido a campainha. "Que não saiam agora", desejava eu. Egor vestiu o casaco de gola de astracã e saiu de casa. Fechei a porta nas suas costas, e senti-me apavorado quando me vi sozinho e na obrigação de agir. Como? Ainda não sabia. Sabia apenas que já tudo acabara, que já não podia haver dúvidas da sua culpa e que ia castigá-la e terminar as minhas relações com ela.

«Antes ainda duvidava, ainda dizia para mim: "Talvez não seja verdade, talvez esteja enganado." Agora já não. Estava tudo resolvido, irrevogavelmente. Em segredo, sozinha com ele, de noite! Era já o completo esquecimento de tudo. Ou ainda pior: era um arrojo calculado, o atrevimento deliberado do crime, para que esse atrevimento pudesse passar por inocência. Tudo claro. Não havia dúvidas. Eu só tinha medo de uma coisa: que conseguissem despedir-se sem eu os apanhar, ou que inventassem algum mal-entendido e me privassem da evidência da prova e, com isso, me tirassem a possibilidade de a castigar. Então, para os apanhar o mais depressa possível fui em bicos de pés na direcção da sala grande onde eles estavam, mas não pela sala de estar e sim pelo corredor e pelos quartos das crianças.

«No primeiro quarto, os rapazes dormiam. No segundo, a ama-seca mexeu-se, prestes a acordar, e eu, imaginando o que ela pensaria quando soubesse de tudo, tive tanta pena de mim que não contive as lágrimas e, para não acordar as crianças, escapei-me pé ante pé para o corredor e depois para o meu gabinete onde me deixei cair no sofá e chorei.

«"Eu, um homem honesto, filho dos meus pais, que toda a vida sonhou com a felicidade da vida de família, eu, um homem que nunca a enganou... E agora, isto! Mãe de cinco filhos, a abraçar um músico porque ele tem os lábios vermelhos! Não, ela não é um ser humano! É uma cabra, uma cabra nojenta! Ao lado do quarto dos filhos, por quem fingiu amor toda a vida. E escrever-me o que escreveu! E

depois atira-se ao pescoço dele com todo o descaramento! Mas o que sei dela? Talvez sempre fosse assim. Talvez concebesse com os lacaios todos os filhos que são considerados meus. Se eu chegasse amanhã, ela, com o seu penteado, com a sua cintura, com os seus movimentos preguiçosos e graciosos (imaginei a sua cara atraente e odiosa), receber-me-ia, e a fera dos ciúmes ficaria para sempre a dilacerar o meu coração. O que pensará a ama-seca, o Egor? E a pobre Lisa? Essa já compreende. Este descaramento! Esta mentira! Esta sensualidade animal que eu conheço tão bem!", dizia para mim.

«Queria levantar-me mas não conseguia, o coração batia-me tanto que não me segurava nas pernas. Sim, morro de apoplexia. Ela vai matar-me. É isso que ela quer. Então, vou deixar que ela me mate? Não, seria bom demais para ela, não lhe vou dar esse prazer. Pois, eu aqui e eles lá dentro a comer, a rir e... Sim, apesar de ela já não ser nada fresca, ele não a menosprezou: nada má, ao fim e ao cabo, e, principalmente, era segura para a preciosa saúde dele. "Por que não a asfixiei daquela vez?", pensei eu, recordando como uma semana antes a expulsara do meu gabinete e partira as coisas. Recordei vivamente o estado em que me encontrava naquele momento; não só recordei mas senti a mesma necessidade de partir tudo, de destruir que se apoderara de mim naquele momento. Acometeu-me então a vontade de agir, e todas as considerações menos as necessárias para a acção desapareceram da minha cabeça. Entrei naquele estado em que o animal ou o homem, sob a excitação física diante do perigo, age com precisão, sem pressas mas sem perder um minuto, e apenas com um objectivo determinado.»

27

— A primeira coisa que fiz foi tirar as botas; descalço, aproximei-me da parede onde tinha penduradas as espingardas e os punhais, por cima do sofá, e peguei num punhal damasceno recurvo que nunca fora utilizado e era muitíssimo afiado. Tirei-o da bainha. Lembro-me de que a bainha caiu para trás do sofá, e lembro-me que disse a mim próprio: «Preciso de a tirar depois, senão perde-se.» Depois o casaco, que não me lembrara de tirar desde que chegara e, pé ante pé, de meias, fui para lá.

«Aproximei-me da porta sem barulho e abri-a de repente. Lembro-me das caras deles, da expressão. Lembro-me dela porque me causou uma alegria dolorosa. Tinham uma expressão de terror. Era isso mesmo que eu queria. Nunca me esquecerei do terror nas caras deles nos primeiros segundos. Parece-me que ele estava sentado à mesa mas, quando me viu, ou ouviu, levantou-se bruscamente e estacou de costas para o armário. No rosto dele, uma só expressão: puro terror. No dela também, mas havia outra coisa mais. Se fosse apenas terror, talvez não acontecesse o que aconteceu, mas havia também (pelo menos assim me pareceu no primeiro instante) desagrado e tristeza por lhe ter estorvado o fascínio de amor e felicidade com ele. Como se não pensasse noutra coisa que não fosse a sua felicidade naquele momento, e que não lha impedissem. Aquela expressão apenas lhes perpassou pelas caras por um instante. Depois, na cara dele, a dúvida substituiu de imediato o

terror: seria possível mentir ou não? Se fosse possível, era preciso começar já. Se não fosse possível, qualquer outra coisa iria acontecer. Mas o quê? Olhou para ela interrogativamente. Na cara dela, a expressão de desgosto, como me pareceu quando lhe lançou um olhar, foi substituída pela preocupação por ele.

«Fiquei parado à porta por um momento, com o punhal atrás das costas. Nesse mesmo momento ele sorriu e, num tom ridículo de indiferença, disse:

«— Estávamos a fazer música...

«— Não te esperava, que surpresa — disse ela imitando-lhe o tom.

«Mas nem ele nem ela tiveram tempo de acabar: uma fúria igual à da semana anterior tomou conta de mim. Voltei a sentir a mesma necessidade de destruição, de violência, de raiva à solta, e entreguei-me a ela.

«Não tiveram tempo de acabar, os dois... Despoletou-se o que Trukhatchévski temia, o que anulava tudo o que eles tinham tentado dizer. Arremeti contra ela, sempre de punhal escondido para que ele não me impedisse de a apunhalar; queria atingi-la na parte baixa do peito. Escolhera aquele ponto desde o princípio. Quando me atirei a ela, fez uma coisa que eu não esperava da parte dele; agarrou-me na mão e gritou:

«— Tenha juízo, o que é isso? Socorro!

«Libertei a mão bruscamente e, em silêncio, ataquei-o. Os olhos dele cruzaram-se com os meus, ficou de repente branco como um lençol, até os lábios, brilharam-lhe estranhamente os olhos, o que também não esperava, depois meteu-se debaixo do piano e, dali, fugiu pela porta. Precipitei-me atrás dele mas senti um peso no meu braço esquerdo. Era ela. Quis avançar. Ela pendurava-se com todo o seu peso e não me largava. O empecilho inesperado, o peso e o seu contacto repugnante enfureceram-me ainda mais. Sentia que a minha fúria era enorme, que devia estar assustador, e isso agradava-me. Com o braço esquerdo acotovelei-a com toda a força, em cheio na cara. Soltou um grito e largou-me o braço. Já ia persegui-lo, a ele, mas

lembrei-me de que seria ridículo correr descalço atrás do amante da minha mulher, e eu não queria ser ridículo, queria ser pavoroso. Apesar da minha fúria grandiosa, lembrava-me a todo o momento da impressão que podia causar nos outros e, em parte, era essa impressão que dirigia as minhas acções. Virei-me para ela. Caíra em cima do canapé e, apertando a mão contra os olhos magoados, olhava para mim. O rosto dela era a imagem do medo e do ódio por mim, o inimigo, os seus olhos eram como os da ratazana quando levantam a ratoeira em que foi apanhada. Eu, pelo menos, não via mais nada senão aquele medo e aquele ódio por mim. Sentimentos que deviam ser provocados pelo seu amor pelo outro. Mas era muito possível que eu me refreasse e não fizesse o que viria a fazer se ela ficasse calada. Mas não, começou de repente a falar e a agarrar a mão em que eu tinha o punhal.

«— Tem juízo! O que estás a fazer? O que se passa contigo? Não há nada, nada... Juro!

«Eu ainda poderia hesitar, mas as suas últimas palavras convenceram-me do contrário, convenceram-me de que houvera tudo, e despoletaram a minha resposta. Tinha de ser uma resposta à altura do estado em que me pusera e que se intensificava, e que tinha de crescer ainda mais. A fúria também tem as suas leis.

«— Não mintas, velhaca! — berrei e, com a mão esquerda, agarrei na dela, mas ela arrancou-a com brusquidão. Então, sem largar o punhal, apertei-lhe a garganta com a mão esquerda, tombei-a de costas e comecei a estrangulá-la. Que rijo era o pescoço dela... Agarrou-se com ambas as mãos às minhas, tentando desprendê-las, e eu, como se estivesse apenas à espera disso, apunhalei-a com toda a força no lado esquerdo, abaixo das costelas.

«Quando as pessoas dizem que não se lembram do que fizeram porque estavam num acesso de fúria, isso é pura mentira. Lembrava-me de tudo, nem por um segundo deixava de me lembrar. Quanto mais se atiçava em mim o fogo da fúria, mais a luz da consciência me deixava ver claramente tudo o que fazia. Sabia o que estava a fazer, segundo a

segundo. Não posso afirmar que sabia de antemão o que ia fazer, mas no momento da acção, talvez até um pouco antes, sabia o que fazia, como se fosse para depois me arrepender, para poder dizer depois a mim próprio que podia ter parado a tempo. Eu sabia que ia assestar o golpe abaixo das costelas e que o punhal entraria por ali. No momento em que o estava a fazer, sabia que perpetrava uma coisa horrenda, uma coisa que nunca tinha feito e que teria consequências terríveis. Mas foi um pensamento fulgurante como um relâmpago, logo seguido do acto. E o acto foi consciencializado com uma nitidez extraordinária. Lembro-me que senti o momento de resistência do espartilho e de mais qualquer coisa, e depois o enterrar da lâmina em algo macio. Ela agarrou-se ao punhal, cortou as mãos mas não conseguiu detê-lo. Depois, na prisão, quando se deu em mim a viragem moral, pensava muito nesse instante, forçava ao máximo a memória e reflectia. Lembro-me de que por um instante, o curto instante que antecedeu o acto, tive a terrível consciência de que matava, de que matara uma mulher, uma mulher indefesa, a minha mulher. Lembro-me do terror desta consciência e, por isso, concluo, e recordo mesmo vagamente, que espetei o punhal e o tirei de imediato, como se quisesse emendar, travar o que tinha feito. Por um segundo fiquei imóvel, à espera do que se seguiria, na esperança de remediar aquilo. Ela levantou-se de um salto, gritou:

«— Ama! Ele matou-me!

«A ama-seca ouvira barulho e já estava à porta. Eu continuava imóvel, incrédulo, à espera. Foi quando jorrou sangue do seu espartilho, e só então percebi que era irremediável, e só então decidi que era mesmo assim, que era isso que eu queria e devia fazer. Esperei até ela cair e a ama-seca a socorrer, gritando "meu Deus!", e só então atirei o punhal para o chão e me dirigi para a saída.

«"Não vale a pena enervar-me, tenho de saber o que faço", pensei, sem olhar para ela nem para a ama-seca. Esta gritava, chamava a criada. Percorri o corredor, mandei lá a criada, entrei no meu gabinete. O que fazer agora?, interroguei-me. Logo percebi o que tinha a fazer. Fui direito

à parede, desprendi de lá o revólver, examinei-o (estava carregado) e pu-lo em cima da mesa. Depois tirei a bainha do punhal de trás do sofá e sentei-me.

«Fiquei muito tempo assim, sentado. Não pensava em nada, não recordava. Ouvia a grande azáfama na casa. Ouvi que chegava alguém, depois mais alguém. Depois ouvi e vi Egor com a minha cesta de viagem. Como se alguém precisasse disso!

«— Já te disseram o que aconteceu? — perguntei-lhe. — Diz ao guarda-portão para informar a polícia.

«Egor não disse nada e saiu. Levantei-me, fechei a porta, tirei os cigarros e os fósforos, pus-me a fumar. Ainda não acabara o cigarro quando o sono me dominou e derrubou. Pelos vistos, dormi umas duas horas. Lembro-me do que sonhei: que vivíamos em concórdia, eu e ela, que tivemos uma discussão mas fizemos as pazes, que havia qualquer coisa que nos incomodava um pouco mas que éramos amigos. Acordaram-me as pancadas na porta. "É a polícia — pensei ao acordar. — Porque, se não me engano, matei. Ou talvez seja ela, talvez não tenha acontecido nada." Voltaram a bater à porta. Não respondi, pois estava a resolver a questão: aconteceu ou não aconteceu? Lembrei-me da resistência do espartilho e da lâmina a enterrar-se, e senti calafrios a percorrerem-me as costas. "Sim, aconteceu. Sim, agora tenho de fazer o mesmo a mim próprio." Mas, ao pensá-lo, sabia que não me mataria. Mas levantei-me e peguei no revólver. Estranho: dantes eu estive muitas vezes preparado para o suicídio que, mesmo nesse próprio dia, no comboio, me parecia fácil, precisamente porque imaginava como o meu acto a impressionaria. Agora já não era capaz de me matar, era mesmo incapaz de pensar nisso. "Para que o faria?", perguntava-me e não encontrava a resposta. Voltaram a bater à porta. "Primeiro é preciso saber quem bate. Ainda terei tempo." Pousei o revólver e cobri-o com o jornal. Aproximei-me da porta e destranquei-a. Era a irmã da minha mulher, viúva bondosa e estúpida.

«— Vássia! O que foi isto? — disse ela, com as lágrimas, que tinha sempre prontas, a correrem-lhe pela cara.

«— O que quer? — perguntei com grosseria. Sabia que não havia necessidade, que era inútil ser mal-educado com ela, mas não consegui arranjar outro tom.

«— Vássia, ela está a morrer! Disse Ivan Fiodorovitch.

«Ivan Fiodorovitch era o doutor, o médico dela, o conselheiro.

«— Então, ele está cá? — perguntei, e toda a minha raiva contra ela renasceu. — E então, o quê?

«— Vássia, vai ao pé dela. Ah, que horror...

«"Vou ao pé dela?", perguntei a mim mesmo. E logo me respondi que sim, que tinha de ir, que pelos vistos era assim que se fazia, que quando o marido matava a mulher tinha de ir obrigatoriamente para junto dela. "Se é assim que se faz, tenho de ir — pensei. — O resto, se for preciso, tenho sempre tempo", decidi, sempre com o pensamento na minha intenção de me matar a tiro, e fui atrás da minha cunhada. "Agora vão ser as frases, as caretas, mas não me deixo levar", disse para mim.

«— Espere — disse à minha cunhada —, é uma estupidez ir descalço, deixe-me calçar ao menos as pantufas.»

28

— E há uma coisa espantosa! Mais uma vez, quando saí do gabinete e depois, quando atravessava as salas familiares, voltou a despertar em mim a esperança de que não tinha acontecido nada, mas o cheiro dessas porcarias dos médicos, do iodofórmio, do ácido fénico, despertou-me com espanto. Não, aconteceu mesmo. No corredor, quando passava ao lado da porta do quarto das crianças, vi Lisa. Olhava para mim com uns olhos assustados. Pareceu-me até que estavam lá todos os meus cinco filhos e que todos olhavam para mim. Aproximei-me da porta, a criada abriu-ma e saiu. A primeira coisa que me saltou à vista, numa cadeira, foi o seu vestido cinzento-claro, todo negro de sangue. Na nossa cama de casal, do meu lado (onde era mais fácil o acesso à cama), estava ela, com os joelhos levantados. Estava deitava em declive muito ligeiro, com a cabeça numa única almofada, com a blusa desabotoada. Sobre a ferida estava um penso. No quarto pairava o cheiro pesado do iodofórmio. O que mais me impressionou foi o seu rosto inchado, os edemas azulados nas faces, numa parte do nariz e sob um olho. Eram as marcas da minha cotovelada, quando ela queria deter-me. Não havia qualquer beleza nela, tinha mesmo qualquer coisa de repugnante. Assim me pareceu. Parei à porta.

«— Vai, vai ao pé dela — disse a minha cunhada.

«"Sim, provavelmente quer confessar o que fez", pensei. "Perdoo-lhe? Sim, está a morrer, posso perdoar-lhe", pensava, tentando ser generoso. Aproximei-me muito perto

dela. Ela levantou os olhos para mim com dificuldade, via-se a nódoa negra debaixo de um, e com esforço, a titubear, disse:

«— Conseguiste o que querias, mataste... — E no rosto dela, através do sofrimento e da proximidade da morte, pintou-se o mesmo ódio frio, animal, que eu tão bem conhecia. — Mas... não te deixo... os filhos... Ela (referia-se à irmã) fica com eles...

«Ora, o principal para mim, a sua culpa, a traição, isso considerava sem interesse mencioná-lo.

«— Sim, admira o que fizeste — continuou, olhando para a porta, e soluçou. À porta estava a irmã com as crianças. — Sim, foi isto que fizeste.

«Olhei para os filhos, para o rosto dela, contundido e inchado, e pela primeira vez me esqueci de mim, dos meus direitos, do meu orgulho, pela primeira vez vi nela um ser humano. E tudo o que dantes era insulto para mim, e todos os meus ciúmes, tudo isso me pareceu tão insignificante comparado com a gravidade do que eu tinha feito que tive vontade de apertar a mão dela contra a minha cara e dizer «perdão!», mas não me atrevia.

«Ela calava-se, com os olhos fechados, certamente sem forças para falar mais. Depois, o seu rosto desfigurado tremeu e enrugou-se. Disse debilmente:

«— Por que foi tudo isto? Porquê?

«— Perdoa-me — disse eu.

«— Perdoar? O que é que isso interessa?... O que interessa é não se morrer!... — exclamou, e os seus olhos, brilhantes, febris, fixaram-se nos meus. — Pronto, conseguiste o que querias!... Odeio-te!... Ah, ah! — gritou, talvez já em delírio, assustada com qualquer coisa. — Muito bem, mata, mata, não tenho medo... Mas mata-os a todos, a todos, e a ele também. Foi-se embora, foi-se!

«O delírio não parou mais até ao fim. Já não reconhecia ninguém. Por volta do meio-dia morreu. Antes disso, às oito, levaram-me para a esquadra e, de lá, para a prisão. Estive lá onze meses, à espera de julgamento, e nesse tempo pensei muito, em mim, no meu passado, e compreendi.

Comecei a compreender logo no terceiro dia. No terceiro dia fui levado...»

Queria continuar mas, incapaz de conter os soluços, interrompeu-se. Depois juntou as forças e continuou:

— Apenas comecei a compreender quando a vi no caixão... — soluçou, mas logo continuou muito depressa: — Só quando vi o seu rosto morto compreendi o que fiz. Percebi que tinha sido eu, eu, quem a matou, que foi por minha culpa que ela, de viva, quente, em movimento, se tornou imóvel, fria, de cera, e que nunca seria possível corrigir isso, nunca, com nada. Quem não viveu isso não pode compreender... Uh! uh! uh! — gritou várias vezes e calou-se.

Ficámos muito tempo calados. Ele soluçava e tremia em silêncio à minha frente.

— Perdão...

Virou-me as costas e deitou-se no banco, cobrindo-se com a manta de viagem. Na estação onde eu tinha de sair (eram oito da manhã) aproximei-me dele para me despedir. Dormia, ou fingia dormir, não se mexeu. Toquei-lhe com a mão. Descobriu a cara, vi que não dormia.

— Adeus — disse-lhe, estendendo-lhe a mão.

Apertou-ma e sorriu ligeiramente, mas era um sorriso tão lastimoso que tive vontade de chorar.

— Sim, perdão — repetiu a palavra com que concluíra a sua história.

Notas

1. Espécie de cafetã pregueado na cintura.
2. *Domostrói* — obra literária do século XVI que contém as regras a seguir por um citadino em relação às autoridades, à Igreja, à família e aos criados. É exigida a obediência da mulher e dos filhos ao chefe da família. A palavra *domostrói* tornou-se um termo que designa os hábitos conservadores nas relações conjugais.
3. Rigolboche era a alcunha da famosa bailarina de cancã Marguerite Baudin, nos anos de 1850-1860 em Paris.
4. Bebida fermentada feita de pão de centeio.
5. Seita religiosa da América do Norte, com origem da Provença (início do século XVIII). Os *shakers* prediziam o fim do mundo próximo. A principal regra da seita era o celibato.
6. Mulher «possessa» ou, do ponto de vista médico, doente que sofre de uma espécie de histeria.
7. Vinho, mulheres e canção (al.).
8. Uma espécie de coroa enfeitada.

Colecção Biblioteca Editores Independentes

1. *Ilíada*, Homero
2. *D. Quixote de la Mancha, I*, Miguel de Cervantes
3. *D. Quixote de la Mancha, II*, Miguel de Cervantes
4. *Mensagem*, Fernando Pessoa
5. *Três homens num barco*, Jerome K. Jerome
6. *Poemas*, Mário de Sá-Carneiro
7. *Contos de São Petersburgo*, Nikolai Gógol
8. *Orlando*, Virginia Woolf
9. *O que é a Filosofia?*, Ortega y Gasset
10. *O Crime de Lorde Artur Savile e Outros Contos*, Oscar Wilde
11. *Ficções do Interlúdio – Poemas publicados em vida*, Fernando Pessoa
12. *O livro do chá*, Kakuzo Okakura
13. *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*, Selma Lagerlöf
14. *Zen e a Arte do Tiro com Arco*, Eugen Herrigel
15. *Um estranho em Goa*, José Eduardo Agualusa
16. *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci*, Sigmund Freud
17. *Cadernos do Subterrâneo*, Dostoiévski
18. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis
19. *O Jogador*, Dostoiévski
20. *Arte de Ser Português*, Teixeira de Pascoaes
21. *Platero e eu*, Juan Ramón Jiménez

22. *Alice do Outro Lado do Espelho*, Lewis Carroll
23. *Os Doze Césares*, Suetónio
24. *Mongólia*, Bernardo Carvalho
25. *O Spleen de Paris*, Charles Baudelaire
26. *Bestiário, Fábulas e Outros Escritos*, Leonardo Da Vinci
27. *Hamlet*, William Shakespeare
28. *O Culto do Chá*, Wenceslau de Moraes
29. *Poesias Completas*, S. João da Cruz
30. *Cântico dos Cânticos*
31. *Contos*, Tchékhov
32. *Manual de Prestidigitação*, Mário Cesariny
33. *Desmedida – Crónicas do Brasil*, Ruy Duarte de Carvalho
34. *O Fim de Lizzie*, Ana Teresa Pereira
35. *Arte de Amar*, Ovídio
36. *Viagens*, Marco Polo
37. *Pensamentos*, Marco Aurélio
38. *Odisseia*, Homero
39. *Noites Brancas*, Dostoiévski
40. *Carta sobre A Felicidade*, Epicuro e *Da Vida Feliz*, Séneca
41. *Terror e Miséria do Terceiro Reich*, Bertolt Brecht
42. *Poesia*, António Maria Lisboa
43. *Sarrasine*, Honoré de Balzac
44. *Três Contos da Índia*, Rudyard Kipling
45. *Canto de Mim Mesmo*, Walt Whitman
46. *Garden-Party*, Katherine Mansfield
47. *O Alienista e Alguns Contos*, Machado de Assis
48. *Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco
49. *No Rasto do Corsário* [excerto da *Peregrinação*], Fernão Mendes Pinto
50. *Kurika*, Henrique Galvão
51. *Terra morta*, Castro Soromenho
52. *Viragem*, Castro Soromenho
53. *A chaga*, Castro Soromenho
54. *Bola com feitiço*, Uanhenga Xitu

55. *Nós, os do Makulusu*, Luandino Vieira
56. *Como se o mundo não tivesse Leste*, Ruy Duarte de Carvalho
57. *Nós matámos o Cão-Tinhoso*, Luis Bernardo Honwana
58. *Eu, o Povo*, Mutimati Barnabé João
59. *Chiquinho*, Baltasar Lopes
60. *Documentário*, Amílcar Cabral
61. *Da Amizade e Outros Ensaios*, Montaigne
62. *Kama Sutra*, Vatsyayana
63. *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garrett
64. *Pena de viver assim*, Luigi Pirandello
65. *Fradique Mendes* (Memórias e Notas), Eça de Queirós
66. *Da Velhice*, Cícero
67. *O Bruxo Vii*, Nikolai Gógol
68. *Coisas Que Só Eu Sei*, Camilo Castelo Branco
69. *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós
70. *A Relíquia*, Eça de Queirós
71. *Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco
72. *O Último Dia de Um Condenado*, Victor Hugo
73. *O Cão dos Baskervilles*, Arthur Conan Doyle
74. *Billy Budd*, Herman Melville
75. *Analectos*, Confúcio
76. *Conto de Amor e Psique*, Apuleio
77. *O Mistério da Estrada de Sintra*,
Eça de Queirós e Ramalho Ortigão
78. *Herta Teresinha Joan*, Agostinho da Silva
79. *Cinco Aventuras de Scherlock Holmes*, Arthur Conan Doyle
80. *A Sonata de Kreutzer*, Lev Tolstói
81. *Amor no Feno e Outros Contos*, D. H. Lawrence
82. *Histórias inquietas*, Joseph Conrad
83. *Tratado das coisas da China*, Frei Gaspar da Cruz
84. *Jacobo e outras histórias*, Teresa Veiga

Junho de 2010
Depósito Legal: 312478/10

Impressão e acabamento:
Guide – Artes Gráficas, Lda.
Rua Heróis de Chaimite, 14
2675-374 Odivelas